

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNA LETÍCIA JUNSKOWSKI

SÍRIA: HISTÓRIAS DA GUERRA

CURITIBA

2017

BRUNA LETÍCIA JUNSKOWSKI

SÍRIA: HISTÓRIAS DA GUERRA

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, no Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. João Somma Neto

CURITIBA
2017

TERMO DE APROVAÇÃO

BRUNA LETÍCIA JUNSKOWSKI

SÍRIA: HISTÓRIAS DA GUERRA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel no curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Professor João Somma Neto
Orientador – Setor de Artes, Comunicação e Design

Professor Elson Faxina
Setor de Artes, Comunicação e Design

Diego Ribeiro
Jornalista

Curitiba, ____ de junho de 2017

AGRADECIMENTOS

Graças a esse trabalho, minha história se uniu à de outras pessoas. Espero, um dia, poder retribuir o privilégio de ouvi-las.

À Joyce, por me lembrar que todo mundo é dono de uma história que merece ser contada e por ter permitido que eu contasse um trecho da sua.

À Aseel, por me presentear com a honra de guardar seu anonimato.

Ao Rasmi, por ser sempre tão generoso, ajudando com os problemas técnicos e sonoplastia. Espero ler seu livro em breve.

Ao Issam, por tornar minhas entrevistas com o Rasmi mais saborosas, com o sanduíche de falafel e o folhado de pistache.

Ao Amr, por compartilhar suas paixões e cicatrizes com tamanha bondade.

Ao Germano, por aceitar fazer parte desse projeto em um convite apurado e por ser o jornalista que eu gostaria de me tornar.

À habiba Ale, por ser dona do melhor café árabe de Curitiba e por permitir que eu fizesse da sua sorveteria meu estúdio de entrevistas.

À Carla, por ter me iniciado nas questões referentes ao refúgio, pela tradução do poema e por ser tão inspiradora.

Aos meus pais, por compreenderem a falta de ligações nas últimas semanas.

Ao Giuliano, por ter me acalmado nos momentos de desespero e por me lembrar que algumas horas de sono podem ajudar a terminar a edição.

Ao José Carlos Fernandes, pelo incentivo que vem desde o primeiro ano da faculdade e por responder os e-mails cheios de dúvidas sobre o futuro do jornalismo. O mundo seria um lugar melhor se tivesse mais pessoas como o Zeca.

E, por fim, ao João Somma Neto, meu orientador, que foi essencial para a finalização desse documentário. Obrigada por estar sempre de prontidão, pelo carinho ao cuidar da minha produção e por confiar nesse projeto – e em mim – quando eu mesma desconfiei.

“Nós os exilados
que vivemos à base de calmantes
Nossa pátria agora é o Facebook
Ele nos abre o céu
fechado diante das nossas faces
na fronteira.
Nós, os exilados,
Nós dormimos apertando contra o peito
nosso telefone celular.
À luz
da tela dos nossos computadores
Nós adormecemos plenos de tristeza
e despertamos plenos de esperança.
Nós, os exilados,
pairamos ao redor de nossas casas distantes
como as amantes pairam
ao redor das prisões,
esperando ver a sombra
de seus amores.
Nós, os exilados, sofremos
uma doença incurável
Amar um país condenado à morte”

Maram Al'Masri

Tradução: Carla Cursino

RESUMO

Há seis anos, o povo sírio se vê envolvido em um jogo de interesses que não o representa. Em 2011, milhares de sírios saíram às ruas, inspirados nas manifestações que aconteciam na Líbia e Tunísia, na chamada Primavera árabe, pedindo por abertura política e, posteriormente, a saída do presidente Bashar al-Assad. Não tardou para que opositores e polícia síria entrassem em conflito, iniciando uma guerra que articula interesses internacionais e terroristas. Um movimento que começou de forma legítima, mas que foi apropriado por grupos como Estado Islâmico e Jabhat al-Nusra, e países como Estados Unidos e Rússia, obrigando os cidadãos sírios a buscar refúgio em outros países, como o Brasil. Com o desejo de oferecer uma perspectiva diferente da qual é dada pelos grandes meios de comunicação brasileiros, este documentário se propõe a contar sobre os interesses envolvidos na guerra síria através da história e experiência de vida de quatro refugiados sírios em Curitiba, bem como a análise de três especialistas no conflito.

Palavras chave: Guerra na Síria; Refugiados; Primavera Árabe; Terrorismo; Documentário;

ABSTRACT

For six years, the Syrian people is involved in a game of interests that doesn't represent them. In 2011, thousands of Syrians went to the streets, inspired by manifestations that were happening in Libya and Tunisia, in the so-called Arab Spring, asking for political opening and, afterwards, for the president Bashar al-Assad to leave his office. It wasn't long before the opposition and the Syrian police got into a conflict, starting a war that articulates the interests of foreign countries and terrorists. An action that started on a legitimate manner, but that was appropriated by ISIS and Jabhat al-Nusra, and countries like the United States and Russia, forcing Syrian citizens to look for shelter in other countries, like Brazil. Wishing to offer a different perspective from the one that's been given by Brazil's large media companies, this documentary aims to tell the interests involved in the Syrian war through the stories and life experiences of four Syrian refugees at Curitiba, as well as the analysis of three specialists in the conflict.

Key-words: War in Syria; Refugees; Arab Spring; Terrorism; Documentary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	14
3 SÍRIA E REFUGIO	19
4 ESTADO ISLÂMICO	27
5 TERRORISMO E MÍDIA	37
6 DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO	45
7 ROTEIRO	52
8 CONCLUSÃO	69
9	REFERÊNCIAS
.....	71

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo oferecer bases teóricas e informativas para o desenvolvimento de um documentário sobre as forças envolvidas no conflito sírio a partir da perspectiva de sírios refugiados em Curitiba. A guerra na Síria completou, em 2017, seis anos e as contradições a respeito do conflito são incontáveis e percebidas, também, na dificuldade em se encontrar dados semelhantes entre instituições que atuam no país a respeito dos que pereceram no conflito. O Centro Sírio para Pesquisa Política, em 2015, divulgou o número de 470 mil mortos. Já o Observatório Sírio dos Direitos Humanos (OSDH) divulgou, em março de 2017, o número de 321.358 mortos.

A história da guerra síria começou em março de 2011, quando a população do país tomou a Primavera Árabe como inspiração para protestar contra o presidente Bashar al-Assad e reivindicar reformas constitucionais que pudessem levar o país à uma maior abertura política. Embora o presidente tivesse feito concessões, como encerrar o estado de emergência que já durava 48 anos, aprovar uma nova constituição e realizar eleições multipartidárias, ele se recusou a renunciar. Os protestos ganharam força e a repressão também, e com o passar dos meses se transformou em guerra civil.

Os motivos por trás da guerra civil estão enraizados de forma muito profunda em sua história, desde a antiguidade. Na formação do Estado Sírio, independente em 1946, a disputa étnica e religiosa pelo poder esteve sempre em evidência, como consequência da política colonial francesa de enfraquecer a unidade árabe, instaurando pequenas divisões no país, governadas por um grupo que representava a minoria da população, os alauitas, em detrimento da maioria sunita (Furtado, Roder e Aguilar, 2014, p.1)

Como toda a guerra, o conflito sírio se faz por disputa de interesses. Após a militarização do conflito, identidades sectárias viram na Síria um berço promissor para alongar seus projetos de Estado Islâmico, bem como potências ocidentais que, sob o pretexto de destruir as forças terroristas, passaram a lutar em território sírio.

Em maio de 2011, a oposição ao governo Assad começou a se organizar, primeiro através de grupos políticos e posteriormente a partir de

estruturas militares, como o Exército Livre da Síria, formado por soldados e oficiais que desertaram do Exército Sírio por discordar das ações do governo e civis. Trata-se da maior força armada opositora ao governo al-Assad.

A Síria é território do grupo jihadista Jabhat al-Nusra, ou Frente al-Nusra, que se trata de um grupo relacionado à al-Qaeda na Síria. O grupo surgiu oficialmente em 2012, alguns meses após as revoltas contra o presidente Bashar al-Assad iniciarem, e tem por objetivo criar um “emirado muçulmano” regido pela sharia – a “lei divina”, composta do Corão - e comandado por Alá. A al-Qaeda chegou a delimitar os territórios de cada grupo, Jabhat al-Nusra na Síria e Estado Islâmico no Iraque, mas isso não foi respeitado por al-Baghdadi, atual líder do Estado Islâmico, que instituiu seu califado em uma região entre os dois país. Desde então, a Frente al-Nusra combate o presidente Bashar al-Assad e também os terroristas do EI.

O Estado Islâmico (EI), conhecido por Daesh e ISIS, também faz parte das forças rebeldes que combatem o governo de Bashar al-Assad. O grupo segue o salafismo, que se trata de um movimento islâmico surgido no século XIX e em expansão atualmente. Os que seguem essa doutrina, na contemporaneidade, defendem um retorno à pureza ideológica e às tradições do Profeta Maomé, um islã das origens, com uma aplicação estrita da sharia, a “lei divina”. Os salafistas percebem a democracia e a modernidade ocidentais como “irreconciliáveis com o islã” e “poluidores da civilização árabe”.

Na ponta mais extrema das suas fileiras, os salafistas também são adeptos da jihad, uma palavra que significa “luta” em árabe e contém uma série de definições. Quando os soviéticos invadiram o Afeganistão em 1979, no entanto, sua principal definição significava “resistência armada”. (Weiss e Hassan, 2015, p.18)

O Daesh surgiu a partir de reflexos daqueles que construíram a Al-Qaeda, unindo-se a outros que possuíam projetos mais ambiciosos e violentos para o mundo muçulmano. Embora a assistência da al-Qaeda tenha garantido referências para a jihad, guerra santa, do EI, há uma dualidade entre esses grupos salafistas que diz respeito aos alvos (Thiollet, 2015). Ela consiste em se poupar xiitas, alauitas e outros grupos de minorias étnicas considerando a necessidade de se combater norte-americanos e seus aliados em suas “cruzadas sionistas”. “O lado mais fanático desta disputa foi personificado por

Abu Musab al-Zarqawi, o fundador jordaniano da Al-Qaeda no Iraque (AQI), enquanto o lado mais ‘moderado’ foi personificado por seu benfeitor e superior nominal – Osama bin Laden”. (Weiss e Hassan, 2015)

O grupo jihadista começou a ser delineado em 2000, quando al-Zarqawi criou sua própria célula jihadista, a “Tawhidwal-Jihad” (Monoteísmo e Jihad), mas foi no dia 28 de junho de 2014, véspera do Ramadã, na cidade de Mossul, no Iraque, que o mundo foi apresentado ao Estado Islâmico oficialmente. Abu Bakr Al-Baghdadi, atual líder da organização, surge anunciando seu califado¹, emancipando-se definitivamente da tutela da al-Qaeda. Inspirado no salafismo de al-Zarqawi, o comandante do EI

Apresentou-se para uma minoria sunita assolada no Iraque e uma maioria sunita, mais perseguida e vitimada ainda na Síria, como a última linha de defesa da seita contra uma série de inimigos – os ‘infieis’ Estados Unidos, os estados ‘apóstatas’ do Golfo Pérsico, a ditadura alauita ‘Nusayiri’ na Síria, a unidade ‘rafida’ de resistência no Irã e a última satrapia de Bagdá (Weiss e Hassan, 2015).

Sob comando do grupo, um território de 68.300 km², na Síria e no Iraque, segundo relatório da consultoria IHS Jane’s. Agências de inteligência do mundo estimam que a organização terrorista recruta combatentes em 110 países diferentes e que conta com cerca de 25 mil estrangeiros aliciados, mais 30 mil combatentes no Iraque, 50 mil na Síria e 5 mil na Líbia.

Espíritos rejeitados e sem ideais, os combatentes, geralmente jovens, são apoderados pela ideia do martírio e veem a jihad islâmica como o caminho da “redenção e da verdade”. (Morin, 2015) O contato dos jovens com o islã radical não se dá em mesquitas, mas na rede. Aplicativos digitais, como o Telegram, e plataformas sociais como Twitter e Facebook criam uma propaganda jihadista revolucionária. Diferente da al-Qaeda, que permitia acesso a fóruns mediante senhas, qualquer combatente do Estado Islâmico pode oferecer convites a qualquer pessoa para participar das discussões do

¹ Instituição própria do Islã que surgiu após a morte do profeta Maomé com o objetivo de garantir sua continuação no exercício do poder, em que o *califa* (“sucessor” em árabe) passa a ser o chefe da comunidade muçulmana

grupo online. “Enquanto se vigiavam os imames, os terroristas aperfeiçoavam seus vídeos de doutrinação com a teoria da conspiração, as imagens subliminares dos vídeos-games e imagens chocantes, insuportáveis, de crianças massacradas na Síria”. (Bouzar, 2015)

Os atentados terroristas, enquanto manifestações extremas de violência política visam, através das vítimas e destruição causadas, veicular mensagens e criar imagens mentais associadas ao medo. Ou seja, os terroristas são emissores de uma mensagem coletiva (atentado), para receptores coletivos, com recurso a ações controversas ou ruidosas que simultaneamente fascinam e amedrontam o público (Novais, 2012, p. 95)

Junto a mensagens de ameaça e brutalidade, os vídeos do Estado Islâmico constroem uma mensagem para “seus simpatizantes, um discurso que convida a fazer realidade a utopia sunita de participar da criação de uma nova ordem política e pôr fim a séculos de humilhação” (Fuente, 2016, p. 2).²

A presença internacional também é percebida no conflito. Desde o início da guerra civil, os Estados Unidos argumentavam oficialmente que não ofereciam apoio militar na Síria, limitavam-se a fornecer auxílio humanitário. Entretanto, a estratégia mudou, e durante o governo de Barack Obama os EUA passaram a combater o Estado Islâmico e apoiar militarmente grupos rebeldes como o Exército Livre da Síria sob esse pretexto. Com a saída de Barack Obama e entrada de Donald Trump, a guerra síria se tornou tensa, em especial após o bombardeio norte-americano a uma base aérea do regime Assad, devido às suspeitas do uso de armas químicas por parte de Bashar. “Por outro lado, a Rússia é uma das maiores fornecedoras de armas ao governo sírio e mantém importantes investimentos no país, se colocando, inclusive, em favor de Assad caso houvesse uma intervenção norte -americana no país” (Furtado, Roder, Aguilar, 2014, p.3).

O saldo desse conflito é de cerca de 5.008.473 refugiados sírios no mundo, de acordo com dados da ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, sendo que desses, 488.531 vivem em

² No original em espanhol: “a hacer realidad la utopia suní de participar en la creación de un nuevo orden político y poner fin a siglos de humillación”

acampamentos. Vozes que não são ouvidas ou consultadas pela imprensa brasileira, que se atem às informações sobre o conflito sírio divulgadas por grandes agências de notícia. Este documentário tem essa proposta: ouvir os refugiados sírios que vivem em Curitiba e oferecer informações alternativas à respeito da guerra, sob o olhar de quem teve sua vida transformada, de diversas formas, por interesses alheios à sua própria vontade.

2. METODOLOGIA

Entende-se que “conhecer” é o ato de possuir informação a respeito de algo, seja através do conhecimento filosófico, o artístico, o teológico e o de senso comum (Santaella, 2001). Embora se costume atribuir ao senso comum apenas o tom negativo, é possível fazer algumas ponderações que o legitimem como forma de adquirir conhecimento.

Santaella define senso comum como “conhecimento acrítico, imediatista, crédulo e sem sofisticação” (2001, p. 105), que é a primeira forma de conhecimento de que dispõe um cientista em áreas distantes de sua especialidade. De acordo com a autora, a partir do senso comum, há a capacidade de encontrar soluções criativas para situações inesperadas, quando não se dispõe de informação especializada.

O presente estudo segue este caminho, em decorrência do senso comum a respeito da guerra que faz da Síria vítima há 6 anos. Após a percepção de redundâncias, posicionamentos equivocados e ruídos em informações divulgadas a respeito do conflito sírio, viu-se a necessidade de buscar explicações com aqueles que viveram a guerra: a população síria refugiada em Curitiba. “Pelo conhecimento, o homem penetra as diversas áreas da realidade para dela tomar posse; de certa forma, o homem, pelo conhecimento, reconstitui a realidade em sua mente” (Rampazzo, 2005, p. 17).

De acordo com Santaella (2001) a ciência existe para nos tirar do senso-comum. Para tanto, é necessário que haja um método, capaz de organizar o conhecimento. Para transformar o senso comum sobre a guerra na Síria em conhecimento científico, através de um documentário, é necessário estabelecer um plano metodológico. “A metodologia da pesquisa consiste, em resumo, em um processo de tomada de decisões e estratégias realizadas pelo pesquisador que irão estruturar a investigação em todas as suas etapas” (Agnéz, 2011, p.2).

Entende-se pesquisa como um processo no qual o pesquisador tem “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”, pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta “uma carga histórica” e reflete posições frente à realidade (Lima, 2007, p. 38).

Portanto, este estudo inicia seu roteiro metodológico por uma pesquisa exploratória, a fim de desvendar a representatividade que as forças envolvidas na guerra da Síria possuem na população síria refugiada em Curitiba, bem como compreender os interesses em cada lado da guerra.

A pesquisa é considerada exploratória, quando envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que têm experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que ajudem na sua compreensão. As pesquisas exploratórias proporcionam uma visão geral de um determinado fato, fornecendo subsídios sobre ele (Nicolau, 2015, p.1).

O objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar o pesquisador sobre o tema de estudo. Nesse sentido, ela também depende de um estudo bibliográfico já existente, ainda que o tema de pesquisa seja inexplorado. De acordo com Santos, toda informação publicada em meios impressos ou digitais pode ser uma fonte bibliográfica.

Santaella (2001) cita a definição de comunicação de Shannon & Weaver, em que comunicação é “todos os procedimentos pelos quais uma mente pode afetar outra. Isto, obviamente, envolve não apenas o discurso oral e escrito, como também música, artes visuais, teatro, balé, e, certamente, todo comportamento humano” (2001, p.19). É nesse sentido que se inclui o documentário como forma efetiva – e necessária - de comunicação.

As histórias cativam. Elas têm o poder mágico de ultrapassar o nível racional e nos envolver afetivamente, com nosso coração, fé, imaginação, criatividade e esperança. Além disso, nos deixam uma mensagem de sabedoria e, não raras as vezes, uma lição de vida como tarefa para casa (Rampazzo, 2005, p.26).

A pesquisa exploratória deste trabalho se baseou na leitura de 17 autores principais, 12 artigos acadêmicos e consultas complementares em sites de notícias - buscando dados numéricos e atualizados sobre o conflito sírio -, documentos internacionais - Estatuto do Refugiado, das Nações Unidas -, e nacionais - Lei do Migrante. Cada item deste estudo contribuiu para o desenvolvimento do roteiro do documentário. No capítulo 3, “Síria e Refúgio”, por exemplo, a contextualização histórica da Síria desde o período anterior à independência, desenvolvida por Santos (2014) e Zahreddine (2016), permitiu que o produto não desvinculasse os acontecimentos passados com os presentes, uma vez que a Síria é um território politicamente instável.

Magalhães (2016), Ferreira (2016) e Gonçalves (2016), são as autoras responsáveis pelo entendimento dos direitos e dificuldades que refugiados enfrentam ao sair do país de origem. Ainda que questões jurídicas sobre documentação não tenham sido tratadas no documentário, a compreensão dessa trajetória auxiliou nos contatos iniciais com os personagens. O livro de Cavalcanti (2012), utilizado como fundamentação teórica sobre o conflito, também foi necessário para lembrar que o conflito sírio atinge pessoas de diversas formas. Assim como o Germano Assad, um dos personagens retratados no documentário, Cavalcanti também é jornalista e foi preso na Síria.

O item 4 deste trabalho, nomeado de “Estado Islâmico”, foi essencial para a compreensão do conflito sírio. Através do livro “Quem é o Estado Islâmico?” (2015), da obra de Weiss e Hassan (2015), de Maddeb (2003) e de Kasiki (2016), a origem do Estado Islâmico se tornou mais clara, bem como os interesses, o financiamento e o recrutamento de combatentes. Entretanto, essas questões não foram explicitadas de forma específica no documentário. Embora exista uma bibliografia diversificada sobre o grupo, nem sempre as contradições são expostas. Ademais, diversas teorias à respeito do Estado Islâmico se confundem com a realidade, algo que dificultou na roteirização do produto.

O Estado Islâmico é um grupo terrorista e também midiático. Nesse sentido, foi percebida a necessidade em estudar a melhor forma de retratar o grupo. A leitura do livro “Mídia e terrorismo: outro mundo e outra imprensa depois de 11 de setembro” (2004), desenvolvido pelo Observatório da Imprensa, e das produções de Fernández (2005), Argolo (2012), Grande (2016), Vizeu (2003) e Novais (2012), permitiu ser desenvolvido o item 5, “Terrorismo e mídia”. Através dessas leituras, houve o entendimento de que, embora o terrorismo necessite da mídia para efetivar seus atos, deixar de noticiar suas intenções contraria o motivo da própria existência do jornalismo: a informação. Nesse sentido, buscou-se utilizar imagens que tivessem menor grau de agressividade para não corroborar com a causa.

No sexto item, “Jornalismo e documentário”, foram utilizados os autores Nichols (2005), Da-rin (2004), Ramos (2013) e Watts (1990). Além da definição

de documentário, essas leituras auxiliaram a refletir sobre as questões éticas ao se produzir um filme, especialmente quando a história a ser contada é real. A contribuição de Watts (1990), foi experimentada na prática, ao considerar os conselhos do autor ao ligar a câmera e fazer as perguntas aos personagens.

Também se faz necessário descrever a metodologia do produto. Foram entrevistadas sete pessoas: três refugiados sírios, uma refugiada líbia e três especialistas no conflito sírio, entre eles, dois jornalistas e um internacionalista. A escolha por dois homens e duas mulheres foi proposital, visando a diversidade de relatos. O desejo de haver mais mulheres como especialistas não foi possível de ser concretizado.

O contato com os personagens, os refugiados, foi passado por diversas pessoas que possuem projetos com eles. O contato do AmrHoudaifa, do Rasmi Kai e a refugiada líbia que preferiu não ser identificada, foram obtidos através de diferentes frentes do projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária, da UFPR. Já o contato da Joyce Deeb Hanna, foi através de um conhecido que faz parte de uma igreja evangélica em Curitiba que recepciona alguns refugiados sírios. Os especialistas foram indicações. Germano Assad, jornalista brasileiro, foi indicação do próprio Amr, enquanto que o Hussein Mohamed Taha e o AbderrazzakNassib, foram indicações do Germano.

Em todas as entrevistas foi criado um questionário de acordo com o conhecimento prévio sobre cada fonte e durante as conversas diversas perguntas espontâneas foram feitas, especialmente com os refugiados, visto que o único conhecimento sobre cada um deles era o de que se tratavam de pessoas que haviam vivido o conflito sírio. Para Hussein e Abderrazzak, as perguntas escolhidas tratavam especificamente sobre o conflito, desde o poder de Hafez al-Assad e início da Primavera Árabe até a insurgência de grupos terroristas e intervenções externas. Para os dois especialistas e também para o Germano Assad, essas questões foram feitas com o objetivo de se ter um olhar externo sobre a guerra, bem como para tirar todas as dúvidas sobre o tema. Para o Germano, somadas à essas perguntas, foram feitas questões sobre os motivos de sua prisão na Síria, a abordagem da polícia, como foram os seis dias em cela e quem o denunciou.

Nas entrevistas com o Amr, o Rasmi, a Joyce e a mulher líbia, as perguntas se dividiram em duas partes: as sobre o conflito, semelhantes às questões feitas aos especialistas; e as pessoais, envolvendo a decisão de sair da Síria, a chegada ao Brasil, as dificuldades encontradas no novo país e, também, as perdas que a guerra os causou.

Foram feitas, ao todo, onze entrevistas. Uma para cada especialista, uma para a Joyce e para a mulher líbia, três para o Amr e duas para o Rasmi. A necessidade de encontrar mais vezes o Amr e o Rasmi se deu pelo fato de que ambos deram respostas difíceis de compreender em vídeo. As imagens de cobertura foram feitas após as entrevistas e, quando necessário, houve retorno até as fontes para mais produções.

Após cada entrevista, foi feita a transcrição do áudio que foi enviada ao professor orientador deste trabalho, João Somma Neto, que respondeu com comentários sobre a possibilidade de utilização de cada resposta no roteiro. Com todas as entrevistas finalizadas, o pré-roteiro foi desenvolvido se baseando nas histórias dos personagens como fio condutor, deixando que as respostas de cada um levassem à uma reflexão proposta pelos especialistas.

A escolha de imagens para cobertura das falas das fontes se dividiu entre as produzidas e as encontradas na web. Com o pré-roteiro em mãos, foi decidido os momentos em que os personagens se tornariam narradores, considerando a necessidade de haver ritmo no filme com imagens diversificadas. Uma lista de imagens a ser encontrada foi feita e, a partir disso, a busca por elas em sites de agências de notícia como Al-Jazeera, PressTV, AFP News e RussianToday e YouTube. Diversas imagens específicas foram necessárias, como as do presidente Bashar al-Assad e sua esposa, Alma al-Assad, que foram obtidas no canal da própria presidência da Síria. Dois documentários também foram fontes de imagens, “The boy whostartedthesyrianwar”, uma produção da Aljazeera, e “The IslamicState”, produção da Vice News.

3. SÍRIA E REFÚGIO

Desde que se tornou independente da França, no dia 17 de Abril de 1946, a Síria viu sua história política pós-independência ser construída de maneira instável. Diversos golpes militares e tentativas de tomada do poder entre as décadas de 1950 e 1960, crise política ao final da década de 1970 e “aliança com a União Soviética em conexão com as ideias socialistas até o fim da mesma” (Gonçalves, 2016, p.1).

Os interesses distintos dos diferentes grupos étnicos, religiosos e ideológicos (socialismo, pan-arabismo, baathismo, por exemplo) do país num espaço de poder nacional novo, pronto a ser conquistado e com todas as oportunidades para ser redesenhado, geraram tensões significativas entre os partidos já existentes às quais o poder respondeu sempre com uma presença militar forte e coesa, entendida como a única forma de manter a lei e a ordem desejada (Santos, 2014, p.5).

A potência do exército, as forças de segurança e a disputa sectária pelo poder que se vê hoje na Síria, tem seu berço no passado. O que ilustra esse fato, de acordo com Santos (2014), é a quantidade de golpes de Estado na Síria que somam sete entre 1949 e 1970, sendo que o último marcou o início do regime al-Assad, com a ascensão de Hafez al-Assad, militar chefe das Forças Aéreas da Síria e pai de Bashar al-Assad.

Hafez al-Assad era de família humilde e pertencia à minoria religiosa alauita, que representa menos de 10% da população síria – cerca de 2 milhões de pessoas (Cavalcanti, 2012). Essa característica minoritária da vida do presidente sempre esteve presente em seu governo, uma vez que buscava políticas públicas que “permitissem a ascensão socioeconômica e política de sua minoria, bem como dos cristãos e drusos, em detrimento da maioria sunita” (Zahreddine, 2013, p.12). Hafez estruturou um regime caracterizado pela postura autoritária e repressiva. Para manter a ordem no país, o presidente tornou ilegal a criação de partidos políticos de oposição e proibiu a candidatura em eleições de políticos contrários ao governo. Utilizou a força militar e, além da Força Nacional Síria, criou milícias pró-regime em todas as cidades sírias para combater todas as formas de oposição ao governo.

Insatisfeita, a maioria da população, composta pela etnia sunita, correspondente a quase 18 milhões de pessoas (Cavalcanti, 2012), articulou uma rígida oposição ao governo de Hafez al-Assad, exigindo a retirada do presidente do poder, democracia e liberdade de imprensa. Em 2 de fevereiro de 1982, o exército Sírio bombardeou Hama, cidade que apresentava a maior resistência ao governo Hafez. “O presidente Hafez al Assad ordenou o cerco e destruição da resistência islâmica que se encontrava na cidade. Ao final de 27 dias de cerco, o governo havia acabado com a revolta, deixando um saldo de 10.000 mortos” (Zahreddine, 2013, p.14).

A resposta violenta, impediu que outros movimentos contrários ao governo surgissem até a morte de Hafez al-Assad, no dia 10 de junho de 2000. “Houve festa e manifestação de júbilo em diversas cidades do país. Uma parcela da população acreditou que a morte de Hafez al-Assad poderia representar o início de mudanças no regime ditatorial” (Cavalcanti, 2012, p.69). Essa crença positiva em relação ao futuro da Síria surgiu com a figura de Bashar al-Assad, filho e herdeiro político de Hafez al-Assad, que assumiu o comando do país. Na época, julho de 2000, al-Assad tinha 34 anos e a própria constituição síria teve de ser alterada para diminuir a idade mínima aceita para ocupar o cargo de presidente. Sem experiência política ou militar, formado em medicina na Inglaterra e tão jovem, Bashar oferecia argumentos que reforçavam a impressão de que poderia trazer mudanças reais para a Síria.

No seu discurso inaugural, afirmou o compromisso com o liberalismo econômico, comprometeu-se a desenvolver algumas reformas políticas e rejeitou o estilo ocidental de democracia enquanto modelo apropriado para a política síria. Anunciou também que não apoiaria medidas que ameaçassem o domínio do Partido Baath, mas abrandou algumas restrições governamentais em relação à liberdade de expressão e de imprensa, e libertou vários presos políticos. Abriu-se, assim, um pequeno período de relativa renovação, ao qual alguns chamaram de ‘Primavera de Damasco’ (Santos, 2014, p.6)

Bashar manteve a força das alianças locais, como seu pai, principalmente em relação às minorias sírias. Entretanto, promoveu transformações significativas nos primeiros anos de governo, como maior acesso à informação através da internet e tentativas em retirar a Síria de seu forte isolamento político. “Porém, observou-se que as forças políticas que sustentavam seu governo não permitiram uma mudança mais profunda do

modus operandi do regime, mantendo os mesmos instrumentos de ação do período anterior” (Zahreddine, 2013, p.13).

Seguindo os passos paternos, al-Assad mudou de postura após fóruns de discussão política surgirem em cidades sírias, na medida em que a censura do governo se abrandava. A situação se atenuou após a onda de queda de regimes ditatoriais na Tunísia e no Egito, devido à revolta popular. Chamada de “Primavera Árabe”, as manifestações em prol da democracia e liberdade de expressão política chegaram até a Síria em meados de janeiro de 2011, quando manifestantes em Dara’a foram para as ruas marchar contra a tortura de estudantes que grafitaram mensagens anti-governo. Os protestos atingiram o país todo, exigindo a saída do Presidente Bashar al-Assad, a criação de partidos políticos, os direitos iguais para a população curda, a liberdade política, de imprensa, de expressão e de reunião.

A partir de março de 2011, a repressão aos protestos deixou de ser pacífica: o governo Assad utilizou armas de fogo e tanques contra população para controlar as manifestações. “Em algumas cidades o governo sírio chegou a suspender o fornecimento de água e energia elétrica para determinados bairros. Foi o que aconteceu em Dara’a, Hama, Latakia e Homs, a maior cidade síria contrária a al-Assad” (Cavalcanti, 2012, p.70).

De acordo com Cavalcanti (2012), estima-se que em outubro do mesmo ano, 2.900 pessoas tenham sido mortas e mais de 10.000 presas. Dessas cidades, partiram relatos de que milícias pró-governo assassinaram famílias inteiras, crianças, fizeram decapitações em praças públicas e estupraram mulheres em frente às suas famílias.

Em Weiss e Hassan (2015) há que “o sectarismo foi cuidadosamente produzido por Assad desde o início como uma ferramenta de sua supressão” (p.130). De acordo com os autores, as milícias pró-governo fazem parte desta agenda. Essas gangues mercenárias receberam o nome de “shabiha”, fantasmas, em português. Em 2012, um shabiha foi capturado por grupos rebeldes e informou que cada “fantasma” recebia US\$ 460 por mês, mais outros US\$ 150 de bônus por cada pessoa que matasse ou capturasse. (Weiss e Hassan, 2015, p.130).

Na região de Houla de Homs, em maio de 2012, os shabiha misturaram-se com os soldados regulares do Exército Sírio e foram de casa em casa na cidade de Taldou, seguindo o bombardeiro de artilharia constante sofrido, cortando as gargantas de mais de cem pessoas. Al-Assad culpou a Al-Qaeda pelo massacre. No entanto, uma investigação pelas Nações Unidas encontrou 'base razoável para acreditar que os perpetradores estavam alinhados com o governo (Weiss e Hassan, 2015, p.131).

De acordo com Bashar al-Assad, o propósito da luta do governo é a manutenção do regime político e a eliminação dos grupos rebeldes armados. O argumento do regime é que se trata de uma revolta encomendada por forças externas e que não possui legitimidade entre o povo sírio, “uma retórica que ajuda a legitimar o seu poder” (Santos, 2014, p.6).

Na medida em que o governo sírio reprimia os protestos com violência, a oposição começou a se organizar e criou estruturas políticas e militares para combater o regime de Bashar. No final de 2011, cerca de 3 mil soldados e oficiais desertaram do Exército Sírio por discordar das ações do governo e se uniram a civis para formar o Exército de Libertação Síria, ELS (ou Exército Livre da Síria), a maior força armada opositora ao governo al-Assad. Essa oposição é conhecida – e generalizada - no ocidente como “rebeldes”. “Progressivamente, os diferentes grupos armados conseguiram ganhar bases militares e armamento pesado”(Santos, 2014, p.7).

Entretanto, a visão romantizada do ocidente em relação aos grupos rebeldes os tira qualquer culpa frente à situação da guerra civil na Síria. Além do governo efetuar ataques violentos que afetam civis, a oposição também carrega essa responsabilidade. Exemplo disso foi a explosão na cidade de Dara'a, em 9 de maio de 2012, que atingiu um grupo de observadores da ONU sob proteção de militares sírios, que visitava o lugar para vigiar o cessar-fogo que havia sido acordado na época. Uma semana depois, outros observadores das Nações Unidas foram atingidos por uma bomba na cidade de Khan Sheikhoun. O atentado matou mais de 20 pessoas, entre elas, cinco soldados do Exército Sírio que atuavam na segurança da equipe da ONU.

Em seis anos de guerra civil, a oposição ao governo Bashar al-Assad cresceu e se dividiu em diferentes agendas políticas, reivindicações e alianças, que nem sempre são diferenciadas pela cobertura jornalística brasileira sobre o

conflito. A complexidade dos grupos acompanha uma longa história de divergências ideológicas, étnicas e busca sectária pelo poder, em que o único fator semelhante é a oposição ao governo.

Muitos dos grupos têm uma agenda política que os alimenta, mas muitos outros funcionam meramente como estrutura de sobrevivência e proteção local, sem ambições políticas; outros, como os grupos jihadistas que se batem por um Estado islâmico, enquadram a sua luta numa batalha religiosa. Muitas populações permanecem não-comprometidas com qualquer força no terreno (Santos, 2014, p.12).

O Exército Livre da Síria é o grupo mais representativo dos rebeldes. O objetivo do ELS é “derrubar o regime, proteger a revolução e os recursos do país” (Santos, 2014, p.10). De acordo com eles próprios, suas forças contam com 100.000 membros, ainda que fontes de informação secreta internacionais afirmem que o número não passa de 10.000. É formado, majoritariamente, por sunitas, mas também inclui curdos, palestinos e drusos. É coordenado pelo Conselho Nacional Sírio e apoiado pela Coligação Nacional Síria e tem apoio militar e financeiro de Estados árabes, como Arábia Saudita e Turquia e ocidentais, como EUA e Inglaterra (Santos, 2014).

Entre os rebeldes que fazem oposição ao governo de Bahsar al-Assad, estão forças já conhecidas do mundo ocidental, como a al-Qaeda que tem grande influência junto aos grupos armados jihadistas de oposição ao regime. O objetivo da al-Qaeda no conflito é derrotar o governo al-Assad e instaurar o “Estado Islâmico”. Esse grupo terrorista garante o abastecimento de armas e mantimentos militares aos seus dois grupos aliados: a facção Jabhat al-Nusra e a Al-Qaeda do Iraque - conhecida por Estado Islâmico ou DAESH, que será explicada no próximo capítulo.

A Jabhat al-Nusra, ou Frente al-Nusra, foi criada em janeiro de 2012 e é uma das organizações mais fortes na Síria, contando com 6.000 a 10.000 soldados que provem mais de um recrutamento internacional do que sírio (Weiss e Hassan, 2016). É um grupo essencialmente sunita e assume como objetivo a criação de um Estado islâmico regido pela sharia e declara publicamente ser uma organização apoiada pelo líder da al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri.

As atrocidades que já estavam sendo cometidas no conflito sírio só chamaram a atenção da comunidade internacional a partir da morte de três jornalistas estrangeiros na Síria, no início de 2012 (Cavalcanti, 2012). As vítimas foram o francês Gilles Jacquier, morto a tiros no centro-oeste de Homs, o fotógrafo francês Remi Ochlik e a jornalista americana Marie Colvin, devido a um ataque promovido pelo Exército Sírio sobre um prédio de controle rebelde, também em Homs. “O Governo Sírio, por sua vez, afirmou que os jornalistas em questão não tinham visto de entrada, e portanto estavam ilegalmente no país” (Cavalcanti, 2012, p.71).

A crescente violência no país, denunciada por Organizações Não-Governamentais e ampliada pela cobertura da mídia internacional, trouxe a possibilidade da intervenção externa, autorizada no capítulo VII na Carta das Nações Unidas de 1945.

No caso de o Conselho de Segurança considerar que as medidas previstas no Artigo 41 seriam ou demonstraram que são inadequadas, poderá levar a efeito, por meio de forças aéreas, navais ou terrestres, a ação que julgar necessária para manter ou restabelecer a paz e a segurança internacionais. Tal ação poderá compreender demonstrações, bloqueios e outras operações, por parte das forças aéreas, navais ou terrestres dos Membros das Nações Unidas (Artigo 42)

As suspeitas de uso de armas químicas por parte de Bashar al-Assad reacenderam esse debate que se divide em argumentos contrários e favoráveis à intervenção externa no conflito.

O argumento humanitário tem como ponto de partida a ideia de que o sofrimento humano exige uma ação internacional que lhe ponha termo. A vida humana e o sofrimento humano devem prevalecer em detrimento da soberania e dos custos financeiros e políticos que uma intervenção internacional possa causar. O argumento anti-imperialista baseia-se na crítica aos que consideram ser uma hipocrisia ocidental perante os fenômenos de violência que exigem a intervenção. A posição anti-imperialista vê a interferência de potências como os Estados Unidos ou outros países ocidentais, especificamente Reino Unido e França, como estratégia de moldar as realidades locais aos seus interesses geopolíticos e tão pouco salvar vidas humanas. Conseguem assim manter um império de influência pelos aliados que criam no terreno e pela ideia de super-heróis mundiais (Santos, 2013, p.21).

O fato é que o conflito sírio trouxe à tona outra questão humanitária ao mundo: a crise de refugiados. A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) contabilizou mais de cinco milhões de sírios que tiveram que pedir refúgio na

Turquia, Líbano, Jordânia, Egito e Iraque, e mais de 6 milhões de deslocados internos. De acordo com dados da ACNUR, dos 5.008.473 refugiados sírios, 488.531 vivem em acampamentos.

A Convenção das Nações Unidas em Genebra em 1951 criou o Estatuto dos Refugiados, que determina os direitos legais dessa população e define o termo refugiado como toda pessoa que teme

ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. (Estatuto do Refugiado, 1997, Art. 1º)

Embora refugiados tenham seus direitos protegidos de acordo com o Estatuto do Refugiado, essa é uma população constantemente ameaçada, desde a saída de seu país de origem e os motivos que os levaram a sair, até a chegada ao destino de refúgio. Em Magalhães (2016), há que esses grupo são facilmente enganados e capturados por redes de tráfico humano, fazendo mulheres e crianças vítimas de agressão física e sexual. No país de refúgio, podem ser confundidos com imigrantes ilegais e serem detidos sem a garantia de que seus direitos serão respeitados.

O refugiado é antes de mais uma pessoa, e como tal deve ser protegida das perseguições que sofreu ou que receia vir a sofrer por parte do seu país de origem. Assim, o tratamento dos refugiados não deve ser feito de acordo com os interesses estatais ou numa perspectiva migratória, mas sim num quadro de garantia dos direitos humanos e de segurança do sujeito. (Magalhães, 2016, p.28)

Entretanto, existem Estados que não compreendem a questão mundial do refúgio. “As noções de responsabilidade e solidariedade são fundamentais para o desenvolvimento de uma política de imigração e asilo coerentes” (Ferreira, 2016, p.92) e a União Europeia, por exemplo, tem buscado equilibrar as responsabilidades entre os países membros no que tange à crise de refugiados sírios. Entretanto, há uma contradição entre os Estados que fazem parte da UE na recepção à essa população. De acordo com Ferreira, a divisão de interesses dos Estados Membros a respeito da crise é evidente.

O grupo de Visegrád (aliança de quatro países europeus: Eslováquia, Hungria, Polónia e República Checa.) tem desde o início da crise rejeitado a política de quotas da UE para a distribuição dos refugiados. Assim, têm coordenado a sua posição em relação à gestão da crise, impulsionados pela retórica xenófoba e anti-muçulmana do primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán. (Ferreira, 2016, p.92)

Muitos Estados têm fechado as portas aos que pedem asilo por acreditarem que refugiados são uma ameaça à estabilidade política, económica e social. Felizmente, o Brasil tem assumido uma postura positiva em relação à crise de refugiados. Segundo dados do Conare, Comitê Nacional para Refugiados, órgão brasileiro responsável por analisar os pedidos e declarar o reconhecimento da condição de refugiado, 2.077 sírios receberam status de refugiados do governo brasileiro de 2011 a agosto de 2015. Um número maior que dos Estados Unidos e países ao sul da Europa.

A nova Lei de Migração, aprovada no dia 18 de abril de 2017 pelo Senado Federal e que aguarda ser sancionada pelo Presidente Michel Temer, vai na contramão mundial por oferecer ao imigrante os mesmos direitos que um cidadão brasileiro. A lei substitui o Estatuto do Estrangeiro, de 1980, elaborado ainda durante a ditadura militar e estabelece os direitos e deveres do imigrante. Entre os princípios da nova lei estão o repúdio e a prevenção à xenofobia, ao racismo ou qualquer outra forma de discriminação; acolhida humanitária; igualdade de tratamento e de oportunidade ao migrante e seus familiares; promoção e difusão de direitos, liberdades, garantias e obrigações do migrante (Lei do Imigrante, 2013).

4. O ESTADO ISLÂMICO

A primeira vez que Abu Musabal-Zarqawi teve contato com o salafismo foi em uma mesquita. Nascido na Jordânia, Al-Zarqawi era semianalfabeto em árabe e não foi um estudante promissor. Abandonou os estudos em 1984, ano em que seu pai morreu, o que fez com que o jovem passasse pela prisão pela primeira vez por posse de drogas e ataque sexual (Weiss e Hassan, 2015). Para que o filho não se perdesse, a mãe o matriculou em cursos religiosos na Mesquita Al-Husayn Bem Ali, em Amã, mas a ideia teve o efeito contrário, pois a fé reavivou e trouxe argumentos para a criminalidade.

De acordo com Weiss e Hassan (2015), al-Zarqawi teve o primeiro contato com Bin Laden em 1999, em um encontro que “foi um desastre”. “Al-Zarqawi tinha uma definição muito mais promíscua de *kuffar* (“descrentes”), que aplicou para incluir todos os xiitas e qualquer companheiro sunita que não seguisse uma estrita convenção salafista (Weiss e Hassan, 2015). Essas visões ofenderam Bin Laden e Ayman al-Zawahiri³ que consideravam impensável traçar essas categorias como alvo, visto que a mãe de Bin Laden era uma síria membro de uma ramificação xiita.

Entretanto, al-Zarqawi conseguiu um “casamento de conveniência”, comum entre membros de grupos terroristas. A essa altura, al-Zarqawi tinha

³Ayman al-Zawahiri é emir (descendente de Maomé) do Jamaat al-Jihad, ou Grupo Jihad, que havia tentado um golpe de estado no Cairo e o estabelecimento de uma “teocracia islâmica em seu lugar”. Integrou-se à al-Qaeda em 1998. Desde 2011, com a morte de Bin Laden, al-Zawahiri comanda a al-Qaeda. Já Abu Musab al-Zarqawi, nascido Ahmad Fadeel al-Nazal al-Khalayleh foi um militante do fundamentalismo islâmico, guerrilheiro e auto-proclamado líder da Al-Qaeda no Iraque. Ayman al-Zawahiri e Abu Musab al-Zarqawi não são a mesma pessoa.

contatos no Levante⁴, que poderiam ser úteis para a al-Qaeda. Um desses contatos era Abu Muhammad al-Adnani, que hoje é o porta-voz oficial do EI.

Pelas divergências ideológicas, al-Zarqawi demorou a conquistar a confiança de Bin Laden e al-Zawahiri. Sua tarefa inicial na al-Qaeda era administrar um campo de treinamento na fronteira com o Afeganistão e Irã. O jordaniano treinou combatentes que foram responsáveis por ataques em Israel, Palestina, Jordânia e outros países árabes.

Após a invasão norte-americana no Afeganistão, al-Zarqawi fugiu para o Iraque, onde arquitetou sua célula terrorista, “Tawhidwal-Jihad”, ou “Monoteísmo e Jihad”. Era o início do reino do terror do jordaniano que focava em se vingar dos norte-americanos e atormentar os xiitas. A primeira aparição pública do grupo foi em 2003, quando bombardearam a embaixada da Jordânia em Bagdá. Para Weiss e Hassan (2015) é bastante provável que tenha sido pessoalmente responsável pelo assassinato de Nicholas Berg, em 2004. Al-Zarqawi é o princípio dos ataques televisionados e inspiração histórica para os combatentes do Estado Islâmico.

Assim como com James Foley, Steven Sotloff e Peter Kassing, as últimas vítimas norte-americanas do EI, Berg foi vestido com macacão laranja no estilo Guantánamo, forçado a ajoelhar-se e obrigado a identificar-se. Uma maldição foi então recitada por seus captores antes de uma faca ser aplicada em sua garganta, com uma discrepância de edição: no caso de Berg, toda a decapitação foi mostrada na tela, enquanto o EI preferiu (sem dúvida para conseguir mais exposição na mídia internacional) manter a maior parte da sangria fora da tela(Weiss e Hassan, 2015, p.41).

Foi em outubro de 2004 que al-Zarqawi firmou seu voto de lealdade ao chefe da al-Qaeda, resultando na mudança de nome do “Tawhidwal-Jihad” para “Al-Qaeda no Iraque” (AQI). Em Weiss e Hassan, há a afirmação de que as iniciais hesitações de Bin Laden foram deixadas de lado ao notar que al-Zarqawi era responsável pelos “golpes de estímulo moral ao maior inimigo distante do mundo”.

Al-Zarqawi foi tão bem sucedido que em 2006 a AQI, juntamente com outras facções insurgentes sunitas, podiam arrecadar entre US\$ 70 E us\$200

⁴Região geográfica considerada imprecisa que se refere, historicamente, a uma grande área do Oriente Médio, ao sul dos Montes Tauro, na Síria.

milhões anualmente de empreendimentos criminosos. “Os recursos da AQI havia eclipsado os da sua liderança baseada no Paquistão, forçando Bin Laden à situação de pedir dinheiro de seu subordinado al-Zarqawi” (Weiss e Hassan, 2015, p.64).

Com a morte de al-Zarqawi, em 7 de junho de 2006, por bomba lançada pelos norte-americanos, veio a substituição para, de acordo com Weiss e Hassan, continuar e repudiar o legado do jordaniano. O nome indicado por al-Zawahiri e Bin Laden para fazer frente ao movimento jihadista no Iraque, foi al-Masri, que já havia pertencido à jihad nos anos 1980. Mesmo com sua morte, al-Zarqawi já havia delineado o futuro das organizações salafistas que surgiriam.

Diferente de seu antecessor, al-Masri via a si próprio como “caçatalentos e exportador de terror, para quem o Iraque não passava de um palco” (Weiss e Hassan, 2015). Por isso, quatro meses após tornar-se líder da AQI, al-Masri declarou que seu grupo fazia parte de um mosaico de movimentos de resistência islâmica que ele chamou de Estado Islâmico do Iraque. O líder nomeado para representar o Estado Islâmico do Iraque foi Abu Omar al-Baghdadi. Apesar de nome semelhante, esse não é o líder atual do EI.

Al-Masri estava realmente tentando manter uma posição dúbia: seguir o emir da AQI enquanto também flertando com a secessão absoluta dela para comandar sua própria operação independente no Iraque. A fissura profunda e irreparável criada pelas pretensões de al-Baghdadi por um estado e a subordinação de al-Masri de sua facção ao Estado Islâmico do Iraque foram finalmente revelados com o rompimento formal do Estado Islâmico com al-Zawahiri [al-Qaeda] no início de 2014. (Weiss e Hassan, 2015, p. 70)

A ressurgência do Estado Islâmico do Iraque coincidiu com a tomada de uma grande faixa de território na Síria. Bashar al-Assad, presidente do país, reivindicou a posição de vítima, mas foi apontado como culpado por auxiliar financeiramente a AQI e ser “o inventor do barril de TNT que mata a baixo custo” (Laurens, 2015, p.75).

Isso porque a onda de protestos pacíficos contra a repressão e corrupção de Assad, transformou-se em um conflito brutal na medida que as reivindicações por maior liberdade eram reprimidas pelo governo. Grupos

rebeldes se reuniram para combater as forças oficiais e retomar o controle das cidades e vilarejos.

Em Weiss e Hassan (2015) há que Assad foi facilitador da movimentação de combatentes estrangeiros para o Iraque, com o objetivo mútuo de “confrontar os Estados Unidos e Israel”. Obviamente, o ditador sempre negou essa participação. Bashar al-Assad esperava que coordenando as atividades jihadistas no Iraque pudesse servir de advertência para os norte-americanos e também como uma forma de desviar a atenção dos próprios grupos radicais para o Iraque.

Para Assad, a capacidade de se exibir que os Estados Unidos é um interlocutor, é uma questão de projeção de poder. Possibilita que ele finja ser fundamental para a paz Árabe-Israel ou uma força real para o contraterrorismo. Ele cria os problemas que ele então, tão magnanimamente, se oferece para solucionar (Weiss e Hassan, 2015, p.103).

Em abril de 2010, al-Masri e al-Baghdadi, encurralados por uma emboscada norte-americana, foram mortos. Para substituí-los, foi escolhido Ibrahim Awwad al-Badari, que assumiu como nome de guerra Abu Bakr al-Baghdadi, atual comandante do Estado Islâmico.

Havia três razões para esta escolha. Primeiro, ele pertenceu à confederação tribal Quraysh, considerada uma das mais veneráveis no Oriente Médio, graças à sua proximidade ao Profeta Maomé. (Diz-se que Abu Omar al-Baghdadi também é originário desta tribo, a fonte de todos califas islâmicos). Segundo, o próprio al-Baghdadi havia sido membro do Conselho Shura do Estado Islâmico do Iraque e, portanto, esteve próximo de Abu Omar. Finalmente, ele foi escolhido devido à sua idade: ele era uma geração mais jovem que os outros candidatos viáveis para emir e era visto como alguém com maior poder de resistência para liderar o Exército Islâmico do Iraque para fora da depressão uma vez que as forças norte-americanas deixassem o Iraque. Hoje, o Estado Islâmico o reverencia como “mensageiro”.(Weiss e Hassan, 2015, p. 117)

Até os anos 2000, al-Baghdadi era um homem discreto, com doutorado, uma esposa e um filho. Essa descrição foi fundamental para que criasse, no fim de 2003, sua própria facção islâmica, o "Exército do Povo da Comunidade Sunita". Um ano depois acabou preso pelas forças norte-americanas quando foi visitar um amigo, embora não fosse o alvo.

Em Weiss e Hassan (2015) há relatos de administradores da prisão que diziam que al-Baghdadi era uma espécie de solucionador de problemas. “Como

tal, os norte-americanos o deixaram se deslocar em meio aos diferentes blocos do campo em Bucca, ostensivamente para solucionar conflitos; em vez disso, al-Baghdadi usou a indulgência para alistar mais recrutas”.

Fez da prisão sua escola jihad. Por bom comportamento e ser considerado um prisioneiro de baixo nível de risco, al-Baghdadi foi solto no fim de 2004, mas se tornou mais extremista em sua orientação. Al-Baghdadi tinha se aproximado do conceito de takfirismo, que consiste na excomunhão de muçulmanos considerados hereges e que trazia consigo castigos violentos e fatais. “A sua insistência sobre uma guerra fratricida – ou fitna entre e em meio aos sunitas – se tornaria uma marca registrada da liderança de al-Baghdadi na expansão do Estado Islâmico na Síria e no Iraque” (Weiss e Hassan, 2015). Essa intenção de aniquilação aos xiitas segue a tradição de al-Zarqawi.

Ao anunciar a criação de seu califado, em junho de 2014, al-Baghdadi emancipou-se definitivamente da tutela da al-Qaeda. “Porém, já em 2013, o emir da Al-Qaeda tinha intimado sem sucesso o chefe do EIL a se retirar da Síria e deixar a liderança da luta contra o regime sírio com a Frente Pela Vitória (Jabhat al-Nusra)” (Thiollet, 2015, p.29).

Com o califado instituído, Abu Bakr Al-Baghdadi bebe da fonte de Ibn Taymiya, um filósofo sírio que ficou conhecido por sua influência no salafismo. O filósofo é autor do livro *“A política em nome da Lei divina para estabelecer a boa ordem nos negócios do pastor e do rebanho”*, e seu conteúdo tem o radicalismo que organizações como o Estado Islâmico utilizam como inspiração para “governar”. No livro, o autor submete os súditos do príncipe à aplicação da sharia, com castigos que vão desde apedrejamento por adultério até a crucificação para bandidos de estrada, sejam eles homicidas ou não.

Na sua siyasa [política], o doutor sírio faz da jihâd, da guerra santa, um de seus temas privilegiados: ele lhe concede a mesma importância que a prece e parece situá-la acima das quatro outras prescrições canônicas (a profissão de fé, o jejum, a escola, a peregrinação). Para dar um significado a seu alto alcance, ele a associa à imagem que se presume representar a religião: uma coluna cuja base seria a submissão a Deus; o corpo da coluna, a prece e seu capitel, a jihâd. Ele faz assim do combate contra o infiel uma das duas funções do príncipe: este deve consagrar sua energia a serviço da religião, assegurando, de um lado, o triunfo

da virtude no interior da cidade (pelo rigor dos castigos corporais), conduzindo, por outro lado, a guerra santa para além das fronteiras. (Maddeb, 2003, p.45)

Com base nessa fonte, o Estado Islâmico busca ancorar seu território e garantir seu domínio sob a comunidade muçulmana. O grupo tira sua força da frustração dos sunitas do Iraque, intensamente marginalizados por serem uma minoria no país, o que faz “reavivar a rivalidade histórica entre sunitas e xiitas”¹ (Paulic e Vince, 2015, p. 115).

Baseados nessa rivalidade, o EI hierarquiza seus inimigos, promovendo a limpeza étnica e perseguição às minorias religiosas nas regiões em que controla. “Primeiro os xiitas, que são os piores, ‘renegados, ‘parasitas’ do islã. Depois os ‘infiéis’, como yazidis, adeptos de um culto monoteísta de origem persa, e finalmente as ‘pessoas do Livro’, isto é, naquela região, os cristãos, que foram vítimas de perseguições e maus-tratos, mas não de massacres” (Dawod, 2015, p.39).

É uma dominação pela violência e pelo terror. Além das fronteiras no Iraque e na Síria, o Estado Islâmico reivindicou 45 ataques letais em 14 países entre setembro de 2014 e novembro de 2015. Uma mensagem sangrenta para os países que fazem parte da coalizão internacional de combate ao EI, liderada pelos Estados Unidos. Para Morin (2016), o ódio do Estado Islâmico ao ocidente provém das guerras no Afeganistão e no Iraque, com “intervenções imperialistas” dos norte-americanos. “O Ocidente denuncia com horror o terrorismo cego que mata civis, mulheres e crianças, sem se preocupar com o fato de que no mundo árabe-muçulmano também se denunciavam com horror os bombardeios cegos que matam civis, mulheres e crianças, os ‘ataques cirúrgicos’ com drones e outros recursos” (2016, p. 9).

Nadia Murad BaseeTaha, uma jovem yazidi de 23 anos, sobreviveu ao sequestro e aos abusos sexuais que foi submetida como escrava sexual do grupo. Em discurso no Conselho de Segurança da ONU, em setembro de 2016, contou que foi sequestrada de sua casa na aldeia de Kocho, no norte do Iraque, em agosto de 2014 e levada para a cidade de Mossul, controlada pelo Estado Islâmico. Foi estuprada, vendida e comprada diversas vezes. Embora as estatísticas sejam definidas com pouca precisão, estima-se que

existem cerca de 3.200 mulheres e crianças yazidis feitas de mercadoria e escravas sexuais para os combatentes do EI. A organização também publicou um comunicado autorizando o estupro de mulheres yazidis em uma revista que pertence ao grupo terrorista. “Antes que satã revele suas dúvidas aos fracos da cabeça e do coração, deveríamos lembrar que escravizar as famílias dos infiéis e tomar suas mulheres como concubinas está firmemente estabelecido na sharia”.

Para Meddeb (2003), o uso do islã como argumento para as ações de grupos integristas, como o Estado Islâmico, criam a chamada “doença do islã”, em que razões internas e externas fazem o integrismo florescer. Se tratando das razões externas, o autor coloca o ocidente como “catalisador” da doença.

São, em cadeia, o não-reconhecimento do islã pelo Ocidente como representante de uma alteridade interior; a maneira de encurrala-lo no estatuto do excluído; o modo pelo qual o ocidental renega seus próprios princípios desde que o interesse o reclame; enfim, a maneira que tem o ocidental (e, em nossos dias, na forma do americano) de exercer impunemente sua hegemonia segundo a política dita de dois pesos, duas medidas. (Maddeb, 2003 p.13)

A “letra corânica”, submetida a uma leitura literal, torna-se a razão interna para fomentar o projeto integrista. “Ela pode obedecer a quem persiste em fazê-la falar na estreiteza de seus contornos” (Maddeb, 2003).

Razão interna que leva à radicalização do islã, promovendo a “desculturação e ausência de transmissão”. De acordo com Roy (2016), o Estado Islâmico leva uma geração inteira de jovens a idealizar um islã reduzido a normas explícitas (sharia) e a slogans isolados de um contexto social (jihad). “A ‘comunidade’ não tem nenhuma base sociológica real (instituições representativas, redes escolares ou associativas): ela é a encarnação de si própria e, nesse sentido, entra na sociedade do espetáculo. O fanatismo é a religião que não tem – ainda não ou jamais terá – cultura” (Roy, 2016, p.19).

Alguns aderiram ao Estado Islâmico simplesmente porque o grupo tomou seus territórios. Outros porque ficaram impressionados com o poder militar do EI em campanhas contra facções rebeldes rivais e o EI “usou dinheiro e um discurso de justiça e guerra contra ladrões para atrair pessoas. Ainda outros que se descontentaram com suas insurgências originais e consideraram o EI mais organizado, disciplinado e capaz” (Weiss e Hassan, 2015, p.150).

De acordo com Weiss e Hassan (2015), assim que o grupo jihadista passa a controlar uma área, demonstra ordem e tolerância zero para qualquer rivalidade ou exibição pública de armas. Com essas táticas, o EI se estabeleceu como um protetor para as populações sunitas e ganhou crédito da sociedade muçulmana.

Os combatentes estrangeiros aliciados pelo grupo já não seguem essa lógica. Para a antropóloga Dounia Bouzar, é possível perceber duas formas de intenção de ingresso ao grupo. Uma delas são os jovens que vão para a Síria e Iraque não atraídos pela jihad. Os recrutadores utilizam missões humanitárias como argumento, como cuidar de crianças atacadas com gás por Bashar al-Assad. Há os que viajam conscientemente para combater, nos quais “a ideia da jihad, do martírio, apodera-se dos espíritos juvenis” (Mori, 2016, p.11). De acordo com Bouzar (2016) a maior parte dos jovens que adere à ideologia totalitária do EI nunca pôs os pés em uma mesquita.

90% da doutrinação passa pela internet, principalmente pelas redes sociais, e em seguida vem o *networking*. Na maioria dos casos, os jovens só encontram alguém pessoalmente no último momento. Às vezes, esse alguém já é motorista do carro que os espera na esquina da rua para leva-los para a Bélgica, depois para a Turquia, depois para os grupos terroristas. Há até garotas que se casam (virtualmente) sem nunca terem visto o marido (Bouzar, 2016, p.52).

Roy (2016) atenta que grande parte desses jovens são solitários que se socializam em um grupo que se vê como uma categoria avançada da comunidade muçulmana. “Nenhum deles estava inserido numa sociabilidade de massa, fosse ela religiosa, política ou associativa. São sujeitos “educados”, mas invisíveis: ‘com eles, era na base do bom dia/boa noite’, é um *leitmotiv* dos vizinhos atônitos” (p.19).

Em *Nas Sombras do Estado Islâmico*, Sophie Kasiki comenta a respeito dos jovens que a levaram para uma cidade síria controlada pelo Estado Islâmico. De acordo com a autora, eram garotos normais que não acreditavam na mídia e no governo, nem liam jornais ou assistiam televisão. Acreditavam que os muçulmanos não eram bem-vistos na França e em teorias de conspiração na internet. A autora não identificou discursos agressivos e políticos nem palavras que pudessem caracterizar propaganda do grupo

terrorista. “Muitas vezes havíamos conversado sobre religião, pelo menos desde a minha conversão, e eu tinha certeza de não serem fanáticos”. (Kasiki, 2016, p.39)

Anteriormente, grupos terroristas aliciavam jovens que se encaixavam em categorias frágeis, como: fracasso escolar, sem esperança social, dificuldades familiares, bairros desfavorecidos.

Os recrutadores sofisticaram tanto as suas técnicas de doutrinação que conseguem atingir jovens de todos os meios sociais, inclusive estudantes talentosos dos bairros nobres de Paris. Das 130 situações que estudei, 70% das famílias não têm nada a ver com a memória da imigração, 80% são de referência ateia e apenas cerca de 20% têm uma convicção religiosa (católica, protestante, judaica ou muçulmana) (Bouzar, 2016, p.51)

É nesse sentido que Debray (2016) coloca a responsabilidade do Estado na questão jihadista. Para o autor, a crise da "escola" como instituição é recorrente e mal resolvida, em que a política cedeu, dando espaço ao “guru”. “Quando o Estado desmorona, restam dois ganhadores: as seitas e as máfias. Os banqueiros de negócios de um lado e os alucinados do outro. Quando a ideia de serviço é ridicularizada, só resta servir a si mesmo”. (2016, p. 25)

Quanto aos banqueiros do “negócio do Estado Islâmico”, é recorrente se referir à ajuda das monarquias do Golfo. Ricos habitantes do Golfo financiaram jihadistas na Síria, e seus Estados fecharam os olhos para a situação. Entretanto, esses financiamentos caíram visto que o EI poderia se tornar uma ameaça para eles.

Para manter sua estrutura sem o auxílio certo do Golfo, o grupo terrorista passou a recolher o “imposto da jihad”. Consiste em quantias anuais sobre não muçulmanos vivendo em seus territórios, especialmente cristãos “4,25 gramas de ouro para os ricos e metade disso para os indivíduos de renda moderada” (Weiss e Hassan, 2015). Mas desde 2013 seu principal recurso tem sido o petróleo, metade dele extraído na Síria. O EI produz de 80.000 a 100.000 barris por dia, dos quais 40.000 são vendidos por quantias que variam entre 20 a 50 dólares na Síria, no Iraque e na Turquia.

Além disso, a organização também ganha milhões do zakat, que corresponde à um dízimo islâmico com cotas a serem pagáveis a partir de uma

proporção anual da renda de cada muçulmano (2,5%) e de acordo com suas produções. Para o ouro, em valores excedentes, uma taxa de US\$4.500, para gado são duas cabeças de cada 100 de propriedade de um criador, para safras 10% se irrigado com chuva ou um regato ou rio próximos, e 5% se a irrigação custa dinheiro.

De maneira mais significativa, ghanima (despojos de guerra, que, na definição do EI, abrangem o roubo e o saque) é uma das fontes de renda maiores e mais valiosas do grupo. O EI tomou milhões de dólares em equipamentos militares norte-americanos e estrangeiros após furtar três divisões iraquianas a fugirem e junho de 2014, e também tomou grandes estoques de armamentos, assim como equipamentos, instalações e dinheiro do regime sírio e outros rebeldes.

Para Madded (2003), a sociedade islâmica imposta pelo Estado Islâmico, passou a repudiar a sensualidade e tirar do corpo seus direitos, e idolatrar um “falso recato”. Muitos são os debates a respeito de maneiras para destruir ou, pelo menos, conter os avanços que o grupo terrorista promove nas mentes daqueles que decidem ingressar para o projeto jihadista do Estado Islâmico. A supressão da radicalização do islamismo por parte de grupos terroristas, de acordo com Maddes, é a própria filosofia a qual esses grupos seguem. “O primeiro remédio para a doença do islã diz respeito à necessidade de retroceder a um profundo conhecimento das polêmicas, das controvérsias e dos debates dos quais a tradição se nutriu” (Maddeb, 2003).

5. TERRORISMO E MÍDIA

Existe uma grande dificuldade em decifrar as mensagens subliminares e provenientes de ações terroristas diante de câmeras, especialmente quando os alvos são civis. Embora o presente estudo não tenha como proposta articular a respeito de todas as variáveis envolvendo esse fenômeno, é importante buscar seus fundamentos para criar relações com as ações do grupo terrorista Estado Islâmico bem como com o Exército Sírio (forças do governo de Bashar al-Assad) e Exército Livre da Síria (rebeldes).

O termo terrorismo nasceu da Revolução Francesa, no conhecido “Reino do Terror” comandado por Maximilien de Robespierre, época em que foi ordenada uma onda de execuções de membros da aristocracia e de todos aqueles que estivessem contra o regime. No século XIX, o termo também passou a ser usado “para definir a violência política utilizada por grupos independentes que, ao contrário de servir ao poder vigente, tinham como objetivo derrubar o governo e minar o poder estatal.” (Fernández, 2005, p.14).

Entretanto, o terrorismo é um fenômeno controverso e complexo. Isso porque nomear um grupo ou ação utilizando o termo terrorismo, pressupõe julgamento moral e pode ser usado a partir de interesses ideológicos e políticos para denegrir um indivíduo ou coletivo. Embora exista a necessidade de se caracterizar o terrorismo, esse conceito não possui unanimidade. Para Fernández (2005), a constante mutação desse fenômeno ao longo da história, é uma das razões que explica a dificuldade em se definir o terrorismo.

O terrorismo pode ser entendido de modo geral e atemporal como uma forma de manifestação premeditada e calculada de violência política, característica chave para que se possam compreender seus objetivos, motivações, propostas e críticas. É, ainda, uma

forma de tentar obter poder para produzir mudanças políticas.
(Fernández, 2005, p.14)

Entretanto, Wikison (2000) descreve que o terrorismo não possui, necessariamente, motivação política. Entre as características desse fenômeno, está o objetivo político; criação de medo extremo; ataques a símbolos e população civil; tem como foco de força não apenas as vítimas imediatas; é considerado pela sociedade como algo “anormal”; e procura influenciar o comportamento político de sujeitos e coletivos.

“Una acción terrorista suele provocar, por otro lado, el daño físico de las personas y de los objetos hacia los que se dirige la violencia. Aunque su alcance destructivo pueda resultar muy limitado, si se le compara, por ejemplo, con una acción bélica convencional, su impacto psíquico sobre la población es extraordinario. Los grupos u organizaciones que practican este tipo de violencia tratan así, conscientemente, de provocar en la población reacciones emocionales de ansiedad, incertidumbre, indefensión o amedrentamiento, con el ánimo de condicionar sus actitudes y dirigir sus conductas en una dirección determinada”
(Ramírez e Rodríguez, 2010, p.56)

De acordo com Argolo (2012), uma ação terrorista não precisa, necessariamente, ser efetuada para atingir os objetivos. As lideranças terroristas podem “articular o imaginário coletivo ou de um segmento específico da opinião pública e dosar as informações repassadas segundo critérios peculiares. Em alguns casos a simples conjectura pode ser mais eficiente do que a ação”.(Argolo, 2012, p.95)

A literatura sobre terrorismo também revela três ondas na história do fenômeno: o velho terrorismo, vinculado ao uso da bomba e da dinamite; o novo terrorismo, menos tático e mais estratégico frente ao possível patrocínio estatal; e o hiperterrorismo, “uma versão hipertrofiada caracterizada pela irracionalidade e pelo grande potencial de destruição”. (Fernández, 2005, pg.10)

De acordo com Fernández (2005) o hiperterrorismo se relaciona com a ideia de guerra assimétrica, uma vez que há o surgimento de grupos cada vez menores, mas com grande capacidade bélica de destruição, e expõe a vulnerabilidade do Estado e a incapacidade deste em proteger a população civil frente aos ataques de grupos terroristas. A tese do hiperterrorismo também

presume “que a aleatoriedade, a irracionalidade e a imprevisibilidade são marcas distintivas do terrorismo contemporâneo”. (Fernández, 2005, p.12)

Os motivos são considerados essenciais para se compreender uma forma de enfrentar a questão. Muitos dos conflitos armados atuais, e aqui se insere os conflitos em território sírio, são estimulados por rivalidades baseadas em diferenças de identidade. Desde a Guerra Fria, com a divisão do mundo em dois grandes blocos, separados por uma cortina de ferro, as rivalidades entre os povos se acentuaram, “agrupando no mesmo território coletivos que não compartilhavam a mesma cultura e nem a mesma história”. (Fernández, 2005, p.22)

Através da Internet e dos meios de comunicação, os grupos terroristas tem a facilidade de atuar além de seus territórios. O que “pode servir como catalisador na formação de comunidades transfronteiriças baseadas principalmente na identidade grupal e metas que já não podem mais ser explicadas pela geografia ou pela política nacional”. (Fernandez, 2005, p.66)

Laqueur (2004) também acrescenta aos fatores que motivam o terrorismo a facilidade de acesso às tecnologias de destruição em massa e o fanatismo religioso. O autor também coloca o atraso socioeconômico como catalizador para “respostas violentas”, e exclui a pobreza, desigualdade social e desemprego como causas do terrorismo, atribuindo aos problemas culturais e intelectuais a raiz do fenômeno.

A correlação entre conflitos nacionalista, étnicos, religiosos e tribais parece ser muito mais palpável do que a correlação entre violência política e pobreza. Por outro lado, seus ideólogos e muitos militantes terroristas provêm de classes abastadas, provando que a riqueza e o conforto não eliminam o terrorismo da sociedade.(Fernpandez, 2005, p.37)

De acordo com Fernández, os alvos de movimentos terroristas são, em sua maioria, sociedades democráticas, uma vez que nessas sociedades os meios de comunicação são livres e dão ampla cobertura aos atentados. “Estos grupos terroristas necesitan que sus actos y sus ideas sean publicadas, retransmitidas de forma masiva y llegue a lamayor parte de lasociedad. (Grande, 2016, p.9)

Dines argumenta que “o terrorista não é apenas um narcisista, é um propagandista: precisa que falem dele e de seus atos.” (Dines, 2004, p.49). Para corroborar, o autor relembra do atentado terrorista de 11 de setembro, o maior da história dos Estados Unidos, perpetrado pela organização terrorista al-Qaeda, deixando cerca de 3000 pessoas mortas. De acordo com Dines, o 11 de Setembro é o maior exemplo do “sequestro da mídia pelo terrorismo internacional”. Isso porque o atentado foi cuidadosamente planejado para alcançar dois objetivos: matar o maior número de pessoas; e produzir um espetáculo. Dines observa que o intervalo entre os dois choques contra as torres-gêmeas “foi indispensável para que a mídia, alertada pelo primeiro impacto, estivesse pronta para cobrir o segundo. Assim, a mídia ocidental acabou produzindo o mais badalado comercial de todos os tempos para promover os valores opostos a uma mídia livre”. (Dines, 2004, p.49)

O homem-bomba e o carro-bomba precisam da mídia – sem ela sua demência fica confinada, escondida, inútil. Sua demagogia é escrita com o sangue dos inocentes. O terrorista precisa explodir-se em notícias. Mas os compromissos morais e pedagógicos do jornalista não podem torná-lo refém da loucura e do descaso com a humanidade. O jornalismo só pode ser exercido em ambientes democráticos. O terrorismo só é efetivo onde não existe democracia. (Dines, 2004, p.51)

Os meios de comunicação podem servir tanto como alvos dos grupos terroristas, quanto como ferramenta de disseminação de mensagem. Com a cobertura midiática dos atentados efetuados, os grupos terroristas “difunden sus ideas, consiguen la justificación de sus actos y crean una red de captación de nuevos adeptos a su causa, yasea a través de latelevisión o internet, ya que son los más utilizados hoyendía por estos grupos”. (Grande, 2016, p.20)

Por essa razão, acusa-se a mídia de causar danos em tentativas de interromper os avanços desses grupos, ao divulgar informações que, inevitavelmente, chegam às organizações terroristas, de ser fomentadora dos ideais e ações de grupos extremistas e formadora de ícones do terror (Fernández, 2005). Como aconteceu com Timothy McVeigh, 29 anos, ex-soldado várias vezes condecorado durante a campanha no Golfo Pérsico. McVeigh foi o responsável pelo ataque ao edifício federal Alfred P. Murrah, em 19 de abril de 1995, em Oklahoma City que matou 168 pessoas.

De acordo com Argolo, ao receber do corpo de jurados a confirmação da sentença de morte que lhe fora atribuída e seria aplicada por intermédio de uma injeção letal, Timothy McVeigh não esboçou reação. Para Dines, a imprensa criou um verdadeiro circo ao redor da penitenciária federal em Terre Haute, no estado de Indiana, visto que mais de 1.600 jornalistas haviam requisitado credenciais para cobrir a execução. Para o Dines foi

uma celebração da vingança coletiva em picadeiro americano, em detrimento do debate em torno da funcionalidade e da moralidade da morte como arma punitiva do Estado. O fato é que apesar da punição pela morte de 168 pessoas, a execução de McVeigh corria o risco de transformar-se num notável efeito de propaganda ao funcionar como corolário perfeito aos seus ideais terroristas (2004, p.7).

O próprio McVeigh se recusou, inicialmente, em estender o processo judicial por meio de apelos legais contra a execução, o que para Argolo caracterizou em uma predisposição do réu à autopromoção. “Era a sua corrida olímpica para a conquista do título de mártir supremo dos movimentos paramilitares, racistas e anti-governamentais nos Estados Unidos” (Dines, 2004, p.7).

Enquanto os jornalistas cobriam a sentença de execução de McVeigh, relembra Argolo, não houve nenhuma cobertura sobre o destino ou a ideologia de Terry L. Nichols, o parceiro de McVeigh na construção do carro-bomba que causou o ataque, que cumpre uma pena de prisão em penitenciária federal em Oklahoma. “A realidade é que, em termos de terrorismo, nada como uma morte gloriosa e devidamente reportada pela imprensa para fazer de um fanático qualquer um líder revolucionário” (Dines, 2004, p.7).

A promoção da morte de McVeigh não foi uma atitude previamente determinada, fez parte da espontaneidade jornalística que é muito bem aproveitada por organizações terroristas. “O terrorismo só alcança seus objetivos quando aciona a mídia. Sem repercussão não há terror” (Dines, 2004, p.38). Os grupos terroristas “sabem que a crueldade contribui para impulsionar as vendas dos jornais. Por conta disso ele empreenderá novas iniciativas e tenderá a agravá-las caso perceba que os resultados ficaram aquém das expectativas” (Argolo, 2012, p.122).

Por esse motivo, a televisão é facilitadora desse processo, visto que por ser um megameio, tem maior alcance. Segundo Vizeu (2003) os telejornais são a primeira informação que as pessoas recebem a respeito do mundo e estima que apenas os telejornais brasileiros noturnos (TV Record, TV Bandeirantes, TV Globo, SBT e CNT) atinjam uma audiência acumulada de 50 milhões de pessoas. Para organizações do terror, uma grande audiência com baixo custo por destinatário alcançado.

Entretanto, a função existencial da mídia é obter e divulgar informações que sejam relevantes ao público (Novais, 2012). Não falar a respeito de ataques terroristas contraria a função social do jornalismo. Para exercer essa função, são aplicados os valores-notícias, que vão determinar os acontecimentos relevantes para serem transformados em notícias. Com base nos valores-notícia “os *media* tendem a veicular acontecimentos de natureza dramática, algo que potencializa que os atos terroristas mereçam atenção constante e recorrente” (Novais, 2012, p.95).

As diferentes relações e combinações entre diferentes valores/notícia, definem a seleção de um fato. “Os valores/notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção. Ou seja, desde a captação até a apresentação da notícia” (Vizeu, 2003, p.82). Os valores-notícia não são independentes, podem sofrer pressões do próprio jornalista responsável pela notícia e do mercado. Isso porque o jornalismo tem suas origens intimamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo.

Durante o século XIX, a indústria jornalística adquiriu um aspecto crescentemente comercial, procurando aumentar a circulação como um meio de implementar a renda gerada através das vendas de anúncios e comerciais. “O crescimento na circulação dos jornais foi acompanhado por mudanças significativas na natureza e no conteúdo dos mesmos. Os diários deram maior atenção ao crime, à violência sexual, ao esporte e aos jogos de azar.” (Vizeu, 2003, p.42)

Por essa razão, Vizeu argumenta que o tempo é fundamental no jornalismo. Devido à pressão da hora do fechamento, as empresas de comunicação necessitam criar “estratégias para dar conta da sua matéria-prima

principal: a notícia. Diante da imprevisibilidade, as empresas necessitam colocar ordem no tempo e no espaço” (Vizeu, 2003, p.80).

Valem-se da linguagem para promover mudanças, para reforçar percepções, sentimentos, valores, posicionamentos e ações. Por meio da linguagem, acirram as diferenças, reforçam as identidades, solidificam grupos que, por sua vez, defendem ferrenhamente suas posições crenças e o direito de estar no mundo (Novais, 2012, p.61)

De acordo com Argolo, episódios terroristas são veiculados seguindo um padrão para que a cobertura seja considerada isenta entre os meios de comunicação. São informações sobre o trabalho das equipes de segurança, os relatos dos sobreviventes, as lideranças e a audácia dos extremistas. Argolo argumenta que há o interesse da audiência em receber informações bem apuradas a respeito, o que acarreta em materiais sobre funerais, protestos sobre o ataque, cartazes e posters com retratos dos extremistas capturados ou mortos, “tudo isso contribui para informar e convencer as pessoas” (Argolo, 2012, p.59).

As vítimas do terrorismo são seres humanos esquecidos. Esquecidos porque a velocidade das equipes de reportagem para garantir a primazia do furo jornalístico sufoca o noticiário da véspera, minimiza nomes e lugares em troca de novas informações nem sempre relevantes, mas que aconteceram há pouco. Ora, se o imediatismo ajuda a reforçar o estoque de imagens e textos das corporações noticiosas, de outro retira do público o conteúdo que, durante décadas, fundamentou o espírito das grandes reportagens, substituindo-as por uma enxurrada de informações picotadas, notas-resumos e até mesmo clicks nem sempre condizentes com os enunciados. Notícias fragmentadas/incompletas transformam o público numa clientela cada vez mais desinteressada e semiapática diante de episódios amenos ou seu reverso, as atrocidades (Argolo, 2012, 129)

Outra consequência dos ataques terroristas em relação à imprensa é a busca pelos “ícones do terrorismo”. Para Argolo, uma estratégia que procura “fixar no imaginário coletivo os principais nomes da violência” utilizando montagens das histórias sobre os grupos, os dogmas acatados, os centros de treinamento e a mudança na personalidade dos combatentes que se infiltram nas redes extremistas. Exibições que reforçam imagens de guerrilheiros disparando metralhadoras em alvos, adagas em retratos dos inimigos, combatentes perfeitamente treinados e carros sendo atingidos por mísseis. Demonstrações que ampliam o caráter sensacionalista da imprensa e a crença em ações terroristas (Argolo, 2012).

Mello reforça que parte da mídia também utiliza perigosas generalizações e estereótipos para tratar sobre certas crenças, países ou comunidades. Um desrespeito que, em maioria, atinge os seguidores do Islã. “Precisamos de uma imprensa livre para ajudar a prevenir uma ruptura que pode ter desastrosas consequências ao aumentar o potencial das formas extremas de violência. Precisamos identificar as razões deste estado de coisas altamente emocional e, juntos, detê-lo. A mídia tem uma responsabilidade pedagógica” (Mello, 2004, p.55).

Argolo propõe a reflexão de não veicular notícias sobre terrorismo, assim como os manuais de redação aconselham a não publicar notícias sobre suicídio. Caso a reflexão se tornasse ação, a imprensa poderia deixar de alimentar a violência religiosa e política, diminuir a transmissão de valores negativos ao público e desestimular as ações dos grupos terroristas. (Argolo, 2012). Mas o próprio autor refuta essa opção.

A simples não difusão integral sobre ações e manifestos poderá suscitar críticas às empresas jornalísticas e essas acusações se estenderiam da autocensura à omissão e – quem sabe até? – à convivência. Censura sob a perspectiva do livre direito à informação; omissão, na hipótese de cotejo do menor ou quase nenhum conteúdo informativo em relação a outros diários e/ou blocos de noticiário; convivência em se tratando do acobertamento da violência perpetrada, pelo aparato de Segurança do Estado (Argolo, 2012, p.219).

Se, conforme já citado, notícia é todo fato de interesse jornalístico, uma ação terrorista deve ser registrada. Porém, é necessário repensar sobre o que deve ou não ser destacado nos jornais e também nas mídias digitais. “O que é profundamente necessário é a prática de jornalismo interpretativo, jornalismo contextualizado historicamente para fornecer uma inteligibilidade possível”(Capozzoli, 2004, p.43).

São os jornalistas os responsáveis pela comunicação e informações a respeito de grupos terroristas como o Estado Islâmico. A escolha de “o que” e “como” o fazer é uma responsabilidade que “bienencaminada, condiciona el resto del proceso de comunicación.” Mesmo em um contexto social que exige a notícia em primeira mão e a cobertura de fatos em tempo real, a ânsia de manter a opinião pública informada em primeira mão, “es necesario romper con los estereotipos, no crear apartados específicos y generalizar, sobre todo no

—discriminar o tratar en temas a parte cosas como el racismo, lo relacionado con la religión y lo cultural.”(Grande, 2016, p.19)

6. JORNALISMO E DOCUMENTÁRIO

O jornalismo é uma das ferramentas que garante o direito de acesso à informação, constado na Constituição Brasileira de 1988. Em consequência, a responsabilidade de veículos de comunicação com o tratamento da informação, deve - ou deveria – ser a principal preocupação. Para alguns autores, mesmo os que não creem na função social do jornalismo, essa característica da profissão está comprometida com interesses comerciais, como a busca pelo “furo” e pela audiência. “Estabelecem uma cumplicidade que gera a padronização das informações, uniformizadas em todos os níveis; pressionados pelo fator tempo, os jornalistas deixam de pensar” (Moroni e Oliveira, 2008, p.6).

No Brasil, o telejornalismo assume o papel de maior fonte de informação da população. De acordo com dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), dentre os entrevistados, 95% afirmaram ver TV, 73% veem televisão diariamente e 79% disseram utilizar a TV como principal de fonte de informação. Além disso, a televisão também possui a função de plataforma de entretenimento para grande parte da população. Segundo a pesquisa da Secom, 67% dos entrevistados veem a TV como uma ferramenta de diversão e entretenimento.

Em busca pela síntese, devido a necessidade de que o espectador compreenda a mensagem de imediato e à própria linguagem do telejornalismo, priorizando imagens para informar, os elementos do telejornalismo “parecem coincidir com algumas premissas fundamentais para a eficácia da estereotipização” (Moroni e Oliveira, 2008, p.11). Isso se dá pelo fato de que os estereótipos têm forte apelo visual, tornando-se representativo e assemelhado às características da televisão. “Os padrões estereotipados têm como função legitimar as ações e o comportamento de quem os criou ou de quem é subsidiado por eles” (Moroni e Oliveira, 2008, p.13).

Faz-se necessário utilizar a mídia na construção – e desconstrução - de estigmas e estereótipos referente às questões raciais e de imigração. “Nenhum processo cultural de superação do racismo, de combate aos estereótipos e de luta contra a discriminação será realizado sem os jornais, a televisão, as artes, a música” (Ramos, 2007, p.9). O telejornalismo e o cinema, especificamente o documentário, são ferramentas que favorecem esse processo por ter a capacidade de tornar os fatos vivos e apresenta-los de maneira interessante (Watts, 1990). Ademais, historicamente, o documentário e o jornalismo possuem ligação, visto que a narrativa documental toma como referências características da narrativa ficcional, da propaganda e do jornalismo.

Nesse sentido, a diferenciação entre documentário e uma grande reportagem de TV é imprescindível para que seja possível utilizar as duas narrativas como forma de supressão do racismo e de todas as formas de discriminação.

De acordo com Ramos, o “documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo.” (Ramos, 2013, p.22). Nichols (2005), desenvolve ainda mais o conceito e afirma que o documentário mostra aspectos e representações de uma parte do mundo histórico, através de pontos de vista de indivíduos, grupos ou instituições.

Essa definição de documentário também é corroborada por Ramos (2013), que desenvolve o argumento de que através das asserções sobre o

mundo, o documentário se diferencia do campo ficcional por apresentar elementos singulares.

O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos, igualmente, destacar como próprias à narrativa documentária: presença de locução (voz over), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais, intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente (Ramos, 2013, p.22)

Isso significa que a intenção de um cineasta em se fazer um documentário, já define a produção em si. Na medida em que o cineasta desenvolve esse desejo e propõe sua obra, o público sabe de antemão do que ela trata e estabelece sua relação com a narrativa em razão desse saber. “Ao recebermos a narrativa como documentaria, estamos supondo que assistimos a uma narrativa que estabelece asserções, postulados, sobre o mundo, dentro de um contexto completamente distinto daquele no qual interpretamos os enunciados de uma narrativa ficcional.” (Ramos, 2013, p.27).

Entretanto, Nichols(2005) aponta que a definição de documentário é relativa e comparativa ao tema abordado, tornando-se um “conceito vago”. Isso porque os documentários não adotam um conjunto de técnicas fixas e a definição do conceito, pode excluir filmes que também podem ser classificados como documentário. “Todo filme é um documentário. Mesmo as mais extravagantes das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela” (Nichols, 2005, p.26). Para o autor existem dois tipos de filme: documentários de satisfação de desejo – os que normalmente chamamos de ficção - e documentários de representação social – os quais definimos simplesmente como documentário. Cada um conta uma história, mas são narrativas diferentes.

Para Da-Rin (2004), um filme é feito de imagens sonoras e visuais, e que a estrutura da narrativa cinematográfica supõe fatores irreduzíveis e implica, necessariamente, inscrever subjetividade nessas imagens, como a escolha entre o que mostrar ou não, a organização daquilo que é mostrado, a

duração e a ordenação dos planos entre si. “A transparência da realidade no cinema é uma falácia. A imagem cinematográfica é essencialmente trucada, um artefato por natureza, nunca o reflexo transparente do real” (Da-Rin, 2004, p.145).

Muitos documentários utilizam praticas que frequentemente relacionamos à ficção, como a roteirização, encenação, reconstituição, ensaios, e interpretação. Ferramentas necessárias que evidenciam o estilo de cada cineasta sobre “o mundo histórico que todos compartilhamos”. De acordo com Nichols (2005), alguns cineastas enfatizam o seu próprio olhar a respeito do mundo, uma obra que compartilha com o público um filtro pessoal das questões históricas. Outros cineastas, enfatizam a fidelidade com a qual representam o mundo, uma obra que se propõe compartilhar com o público questões históricas transparentes. Independente do estilo do cineasta e como a narrativa foi construída, a produção continua a ser um documentário, o fator de diferenciação entre as produções se baseia nas escolhas do próprio cineasta.

No caso do documentário e da grande reportagem de TV, a diferenciação é mais complexa. É possível elencar como principal elemento diferenciador entre as duas produções a profundidade com que o assunto é tratado. Entretanto, seria preciso definir quais os parâmetros apontam a maior ou menor profundidade de uma produção, uma vez que tanto a grande reportagem quanto o documentário, buscam ir fundo na investigação dos fatos. Um critério que não dá conta da diferenciação entre as produções.

Enquanto gêneros como a notícia e a reportagem necessitam da presença de um repórter/narrador, cuja função é relatar os acontecimentos para o público, no documentário a presença do narrador não é obrigatória. Os depoimentos constitutivos de um documentário podem ser alinhavados uns aos outros sem a necessidade de que uma voz exterior venha lhes dar coesão. Nos casos dos documentários compostos essencialmente por depoimentos, as paráfrases discursivas (repetição de um mesmo tema na linha do discurso) tornam-se indispensáveis para dar coesividade ao texto (Melo, Gomes e Morais, 2001, p.8).

Embora a Ramos (2013) reforce que a reportagem é uma narrativa que não possui analogias com um filme, o autor salienta que ela é uma narrativa que também utiliza asserções sobre o mundo, mas que, diferentemente do documentário, é uma produção veiculada dentro de um programa televisivo,

como o telejornal. “Do mesmo modo que a tradição do filme documentário flexiona uma narrativa com imagens/sons, estabelecendo asserções sobre o mundo, a fôrma do telejornal flexiona a narrativa assertiva sobre o mundo no formato programa telejornal” (Ramos, 2013, p.58).

Melo, Gomes e Moraes (2001) ressaltam que é necessário compreender as rotinas de trabalho jornalístico para caracterizar as narrativas, uma vez que a dinâmica do trabalho de um jornalista impõe que as grandes reportagens sejam veiculadas com um certo imediatismo, diferente da produção e veiculação de um documentário. Devido a essa rotina, a narrativa documentária se torna insustentável para as empresas jornalísticas e desnecessária do ponto de vista econômico.

Em Da-Rin (2004), há a defesa de que o documentário vai além de um mero registro factual, é um espaço que permite, através da palavra falada, lembrar o passado e especular o futuro dos personagens, e criar uma fantasia.

Essa característica implica afirmar que o documentário é um gênero fortemente marcado pelo “olhar” do diretor sobre seu objeto. Ao contrário do que ocorre com os demais gêneros jornalísticos, nos quais se busca uma suposta neutralidade ou imparcialidade, no documentário, a parcialidade é bem-vinda. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. Esse privilégio não é concedido ao repórter sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia (Melo, Gomes e Moraes, 2001, p.5).

Para Ramos (2013), “existem documentários com os quais concordamos, documentários dos quais discordamos, documentários que aplaudimos e documentários que abominamos” (Ramos, 2013, p.30). O autor defende que um documentário pode ou não mostrar a verdade sobre um fato histórico, principalmente por “verdade” ser um conceito vago. O mesmo se aplica à manipulação das asserções que o documentário estabelece sobre o mundo. Para o autor, a qualidade das asserções de mundo – falsas ou verdadeiras – de um documentário, não o define como uma narrativa não documentária, pois a produção pode ser objetiva ou pouco clara e continuar a ser documentário.

A definição do documentário a partir do conceito de verdade é um círculo fechado que não nos tira do lugar. Existem asserções

falsas e verdadeiras e os enunciados da narrativa documentaria são compostas por ambas. Estamos definindo documentário como forma imagética-sonora que enuncia asserções, entendidas como documentarias, para o espectador (Ramos, 2013, p.61).

Neste caminho, Nichols (2005) chama a atenção para a necessidade de se considerar a representação social dos documentários. Esses filmes tornam visíveis e audíveis aspectos compartilhados e vivenciados da realidade. O autor alerta que a capacidade de uma câmera de reproduzir imagens, faz-nos acreditar que a imagem seja a própria realidade, mesmo que a história o faça de forma diferente.

Os documentários podem representar o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente: colocam diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação das provas. Nesse sentido, os documentários não defendem simplesmente os outros, representando-os de maneiras que eles próprios não poderiam; os documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual a natureza do assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões. (NICHOLS, 2005, p.30)

Por se tratar de uma produção que envolve histórias e pessoas, sejam as personagens ou o público, é imprescindível que cineastas tenham um código de ética. Para Ramos (2013), a ética no campo do cinema é “um conjunto de valores, coerentes entre si, que fornece a visão de mundo que sustenta a valoração da intervenção do sujeito nesse mundo. O corpo a corpo com o mundo- através da mediação da câmera” (p.33). É a ética que estabelece a interação entre cineasta e espectador, através da experiência do “corpo a corpo com o mundo”.

Como vimos, a tradição do documentário está profundamente ligada a capacidade que possui em transmitir uma impressão da realidade, que se não for utilizada de forma ética, pode ser uma impressão excessivamente forte. “Quando acreditamos que o que vemos é testemunho do que o mundo é, isso pode embasar nossa orientação ou ação sobre ele” (Nichols, 2005, p.20).

Ramos (2013) articula que a questão ética envolve a posição e a forma como o espectador sente prazer ao ver uma narrativa cinematográfica. O autor cita Susan Sontag, André Bazin, Serge Dabey, Roland Barthes, Bill Nichols e Vivian Sobchack como críticos à intensidade da imagem-câmera, e que utilizam

o termo pornográfico para caracteriza-la. Essa imagem pornográfica, ou obscena, é aquela em que a arte é impossível.

O peso excessivo do grão da realidade na imagem-câmera intensa tem o dom de deixa-la com pés de chumbo. Seria a imagem do popular criminalizado uma imagem pornográfica? Seria distancia da alteridade para com o outro popular (distância entre nós cineastas/espectadores e outrem) responsável pela falta de pudor de alguns documentários recentes ao representar aspectos sórdidos da vida popular? (Ramos, 2013, p.213).

Um exemplo da imagem pornográfica que pode ser vista no jornalismo, são as vistas em coberturas de guerra, em que imagens de crianças e corpos da população árabe, são figuradas com mais desenvoltura que imagens de corpos norte-americanos. “Na época do ataque às torres gêmeas, por exemplo, as imagens dos corpos esfaqueados no asfalto foram completamente banidas do noticiário internacional”(Ramos, 2013, p.214).

Essa questão aponta para os efeitos que o documentário pode ter na vida dos que são representados por ele e as considerações éticas tentam minimizar os efeitos negativos. A partir desta reflexão, Nichols sugere uma pergunta à futuros cineastas. “Que responsabilidades têm os cineastas pelos efeitos de seus atos na vida daqueles que são filmados?”

A ética torna-se uma medida de como as negociações sobre a natureza da relação entre cineasta e seu tema têm consequências tanto para aqueles que estão representados no filme como para os espectadores (Nichols, 2005, p.36)

Os responsáveis pela construção narrativa de um documentário são personagens reais, que consentem em oferecer vidas sem representações, como atores, através de um acordo contratual. A matéria prima do documentário são pessoas e a espontaneidade delas vira documento para a história.

7. ROTEIRO

Documentário Bruna Jurskowski	
----------------------------------	--

<p>Trilha sonora Título: “Síria: Histórias da Guerra”</p> <p>IMAGEM DE JOYCE REZANDO COM A FAMÍLIA</p> <p>JOYCE SAINDO DA COZINHA/ SENTADA COM A FAMÍLIA NA SALA/ SENTADA COM A FAMÍLIA, JOYCE EM PRIMEIRO PLANO/ JOYCE FALANDO COM A MÃE NO TELEFONE/</p> <p>JOYCE TRADUZINDO CONVERSA COM PASTOR PARA O SOGRO. ÁUDIO EM BG, DEPOIS SOBE</p> <p>IMAGEM DOS SOGROS/ IMAGEM DO SOGRO/ JOYCE ARRUMANDO A MESA</p> <p>IMAGEM DA SOGRA/</p> <p>IMAGEM RASMI FAZENDO LIMONADA E ENTREGANDO PARA CLIENTE</p> <p>IMAGEM HOMS DESTRUÍDA</p> <p>RASMI COM O TIO</p>	<p>OFF 1: JOYCE DEEB HANNA Vim no Brasil 2013 com meus pais e toda a família. Nós chegamos em Vila velha depois pra São José do Rio Preto, em São Paulo. Meus pais ficaram aqui por 6 meses, mas meu pai não gostou do Brasil e voltou para a Síria com a minha mãe. Meu pai achou a língua difícil. Pra mais velho é muito difícil, meu pai não gosta de alguém estar falando e ele não entende.</p> <p>OFF2: JOYCE DEEB HANNA Mas meu sogro tem 4 filhos e ele não conseguiu ficar lá, porque 4 filhos tudo pro exército, então aqui é melhor pra ele. Eu cheguei aqui noiva por isso casei muito rápido com o meu marido, ele também é parente. Nós ficamos em São José um ano e pouco. Depois viemos pra Curitiba faz um ano e pouco também. Meu marido está trabalhando em um restaurante árabe, meus sogros com comida árabe.</p> <p>SONORA 1: JOYCE DEEB HANNA No início era difícil entender a língua, então, nossa, chegar a bater a cabeça na parede “o que tá acontecendo eu tenho que entender” (ri). Mas tudo passa né, agora tá tranquilo.</p> <p>OFF 3: RASMI KAI Cheguei aqui 25 de novembro de 2014. Já faz dois anos mais ou menos cinco meses. Cidade de Homs. Fica mais ou menos no meio, mas depois da guerra eu fiquei oeste de Homs, mais pro interior. Aí depois vim para aqui. E também a vida lá, tem que sair do país fazer futuro, coisas assim, falei com o</p>
--	--

IMAGENS DELA	meu tio ai a gente concordou pra abrir um negócio aqui.
CLOSE NO AMR	OFF 4: Mulher líbia Líbia é país bom, mesmo Brasil. Eu falo que Brasil as pessoas são que nem Líbia. Nossa vida é bom, linda, mesmo as família, normal, vai pra escola, meu pai e minha mãe trabalham. Normal. Mas depois da guerra, tudo o contrário.
AMR SORRINDO	OFF 5: AmrHoudaifa O negócio não é fácil aqui. Cheguei e não sabia nada. Conhecia ninguém, nem uma palavra em português, só conhecia a história do Brasil, um pouquinho de política, e em árabe. Escrevi muito sobre a América Latina, no jornal. Cheguei aqui, cheguei com meu irmão e daí comecei a trabalhar com comida. Comida árabe que nunca fiz lá, não escreve isso (risos). Só pra achar um jeito pra viver.
TOMANDO CAFÉ	OFF 6 : RASMI KAI tem Damasco, Aleppo. Damasco tem 9 mil anos, Aleppo tem 12 mil anos. A síria tem 15 mil anos.
EM PÉ, PRÓXIMO AO BALCÃO	SONORA 2: RASMI KAI Sempre tem algumas coisas especiais na Síria. Essas são as mais famosas e tem lembranças em cada cidade.
IMAGENS DAMASCO E ALEPPO	OFF 7: GERMANO ASSAD Eu tava estudando árabe já fazia algum tempo e eu não tenho muita facilidade pra aprender novos idiomas e o árabe tem uma complexidade que chega a um certo ponto que eu cheguei à conclusão que se eu não fizesse uma imersão não passasse um tempo em uma país árabe eu não iria conseguir passar daquele ponto que eu tava.
IMAGEM DO CAFÉ SÍRIO	SONORA 3: GERMANO ASSAD Então comecei a procurar lugares pra estudar e fazer uma imersão. E na verdade eu tenho ascendência síria, eu queria conhecer o país, sempre tive vontade de passar um tempo lá
GERMANO TOMANDO CAFÉ	OFF 8: MULHER LÍBIA
CONVERSANDO COM SENHOR	

MEXENDO NO CADERNO	Eu estudava odontologia, estudava dois anos. Mas por causa da guerra não consegui terminar. Porque é triste Minha faculdade é muito bom, internacional. Então fica bem triste não conseguir terminar no seu país, sua faculdade, suas amigas.
ANDANDO	SONORA 4: AMR Depois que entrei na faculdade, primeiro ano em Aleppo. Segundo ano eu voltei pra Damasco e eu tava estudando direito, entrei pra outra faculdade também, jornalismo e estudei os dois juntos, foi muito difícil, mas como gosto do jornalismo estudei bastante. Quando comecei, falei: “Ô, Amr, ou você vai ficar em casa estudando ou vai sair e aprender jornalismo na prática, na vida”. Aí a gente fez um jornal lá, em Damasco, chama a Voz da Juventude. Ainda tá lá.
IMAGENS BANDEIRAS DA SÍRIA	OFF 9: AMR Trabalhar na política não é um sonho mas um jeito de viver. Às vezes você foge da política, mas ela não foge de você.
JOYCE JUNTANDO BRINQUEDOS DO FILHO/ JOYCE AJUDANDO SOGRA NA COZINHA	SONORA 5: JOYCE Mas a vida no Brasil é bem difícil pra viver (ri). OFF 10: JOYCE Porque tem que trabalhar homem e mulher aqui, lá na Síria mulher não trabalha. Não é igual aqui. Mas aqui se homem e mulher trabalha dá pra viver.
IMAGENS DE PESSOAS ANDANDO NA RUA	SONORA 6: GERMANO o país já vivia uma ebulição política, qualquer lugar que você sentasse, num bar, num café, as pessoas tavam falando sobre política de uma maneira muito empolgada.
IMAGENS DE BASHAR AL-ASSAD	OFF 11: GERMANO Eles tinham muita esperança no início de 2011 pra uma abertura econômico e democrática na Síria. As pessoas estavam acreditando de fato que o Bashar faria reformas. Ele tava dando sinais disso. SONORA 7: RASMI Mas antes da guerra a gente não precisava nada na Síria.

<p>IMAGENS DOS CARTAZES COM FOTO PROTESTO NA TUNÍSIA/ IMAGENS DE BEM ALI</p> <p>IMAGENS DE BASHAR COM MILITARES</p>	<p>Bouazizi se queimou. Então o povo tunisiano se revoltou contra o poder do Ben Ali. Mas a diferença do poder da Tunísia para o poder a Síria, é que ele achou melhor pra ele fugir, ao contrário do Bashar. Ele ficou. E com o arsenal militar na mão dele aconteceu isso aí, uma tristeza.</p> <p>SONORA 12: HUSSEIN MOHAMED TAHA O que foi a primavera árabe.</p>
<p>IMAGENS DE PROTESTOS NA TÚNISIA, EGITO, LÍBIA, IÊMEN E SÍRIA</p>	<p>OFF 16: HUSSEIN Foi uma revolta principalmente dos comerciantes, ambulantes e da população jovem, que se revoltou com a falta de emprego com a falta de oportunidade de condições no Egito, na Líbia no Iêmen. Os altos impostos, a corrupção que tava se alastrando e também a perpetuação do poder</p>
<p>IMAGENS DE PROTESTOS NA SÍRIA</p>	<p>OFF17: RASMI Começaram com sírios. 25 DE Março de 2011, porque eu tava no Líbano assistindo tv e saiu que tinha pessoas que estavam fazendo problemas na minha cidade, mas eu não acreditava achava que tava vendo Iraque, porque não tava o nome da minha cidade.</p>
<p>IMAGEM E ÁUDIO DE PROTESTO</p>	
<p>IMAGENS DE PROTESTOS</p>	<p>OFF 18: MULHER LIBIA Primeiro começa na Líbia. Depois na Tunísia, Egito, Síria. Quando começa na Líbia fiquei tipo, uma coisa vai acontecer, mas não sei o que vai acontecer. Então a situação começa a ficar mais perigoso</p>
<p>PESSOAS COM ARMAR E BANDEIRA DA LÍBIA</p>	<p>SONORA 13: ABDERAZZAK Na verdade ninguém queria essa guerra, nem mesmo o povo quando saiu para protestar.</p>
<p>IMAGENS DE PESSOAS NA RUA/ IMAGEM PAI DE BASHAR IMAGEM BASHAR</p>	<p>OFF 19: ABDERRAZZAK Falar sobre a vida que começou a ficar bem cara, direitos humanos. Mas você sabe, esse povo ficou... Passou o pai do Bashar que passou o poder para o filho dele. Isso não é mais uma república é um reino.</p>

<p>IMAGENS DO ESTADO ISLÂMICO/ IMAGENS DA CASA BRANCA/ IMAGENS DA PRAÇA VERMELHA</p>	<p>SONORA 14: JOYCE Eu só vi na TV porque na nossa cidade era tudo igual o presidente, mesma cultura. Ninguém saía na rua pedir alguma coisa porque eles querem ele. Mas nas outras cidades, onde tem muçulmanos assim, eles saíram muito e fazer bagunça, cair fogo no chão e queima tudo. Quebrou os vidros e foi muito muito</p> <p>SONORA 15: RASMI o problema é uma coisa dos outros. Eu acho que a Síria tinha problemas, claro, mas não era com o presidente. Eu vi ele várias vezes, por exemplo a gente tá sentado aqui, ele entra num café, com a esposa dele. Acho que o problema é os outros países com a Síria.</p> <p>SONORA 16: ABDORAZAK Ninguém tava contra Bashar, as primeiras vezes o povo saiu e ninguém falou contra o Bashar al-Assad, todo mundo queria democracia, direitos humanos.</p> <p>SONORA 17: GERMANO: Até então o governo tava lidando bem com protestos, soltura de preso político, abertura, um processo que começou de uma forma super legal era a juventude pedindo abertura, pedindo democracia, pedindo reforma.</p> <p>OFF 20: GERMANO Mas depois outros grupos e outros interesses começaram a se apropriar desse movimento que começou de uma forma legítima.</p> <p>SONORA 18: GERMANO Aí entra aquelas questões que não podem ser ignoradas, lógico que influencias externas como Estados Unidos, Catar, Turquia, Arabia Saudita, há anos financiam grupos, partidos políticos, dentro da síria, pessoas que não faziam parte desse processo iniciado por uma juventude ávida por democracia. São os oportunistas que ficam na espreita, atendendo outros</p>
--	---

<p>IMAGENS DE EXÉRCITO</p>	<p>interesses, que quando enxergam uma oportunidade entram no jogo e mudam todo o panorama da coisa.</p> <p>OFF 21: MULHER LÍBIA Por que você vai fazer guerra? Vocês já viram na Líbia, por que vão fazer? Mas sírios não entenderam o que aconteceu. Caminharam num lugar e não sabiam onde vai dar esse lugar. Só queria fazer uma revolução.</p> <p>SONORA 19: RASMI: Não sou a favor dele e contra as pessoas. Mas se você quer liberdade, você fala. Não usa arma, mata outras pessoas. Tem pessoas do ISIS que entraram na minha casa. Eu tava lá. Vi eles, como eles estão fazendo as coisas, como fazem, como não estão sírios! As pessoas que fazem isso não estão sírios. Estrangeiros! Do Afeganistão, outros países, Líbia, Tunísia.</p>
<p>PROTESTOS REPRIMIDOS</p> <p>IMAGEM DO DOCUMENTÁRIO: “THE BOY WHO STARTED DE SYRIAN WAR”</p>	<p>OFF 22: GERMANO: os protestos começaram a ser reprimidos com brutalidade, com violência. Aí algumas semanas depois aconteceu aquele episódio em Daraa, no sul da Síria onde pegaram 3 crianças pichando “Bashar filho da puta” em um muro. E a polícia prendeu e arrancaram todas as unhas dos dedos e tinha uma criança de 9 anos.</p> <p>SONORA 20: GERMANO Aí a população se revoltou o Ministro das Relações Exteriores conseguiu acalmar a situação um pouco, o próprio Bashar se comprometeu a punir os policiais que fizeram aquilo, mas logo na sequência aconteceu um outro episódio com uma criança na periferia de Damasco, que hoje é uma área dominada por rebeldes, e esses menino foi pego pela polícia mijando numa foto do Bashar. Aí prenderam ele e na tortura acabaram matando esse menino</p> <p>SONORA 21:JOYCE A gente ainda não sabe o que é mais certo, mas quando vejamos a Síria lá atrás ela era linda e Bashar al-Assad não estava fazendo nada. Mas quando eles entraram ele tem</p>

<p>IMAGEM BUSH DECLARANDO INVASÃO</p> <p>IMAGEM DE REFUGIADOS</p> <p>IMAGEM DE BASHAR</p> <p>IMAGEM SECRETÁRIO-GERAL DA ONU</p> <p>IMAGEM BASHAR</p> <p>POPULAÇÃO AGRADECENDO</p>	<p>que fazer alguma coisa pra parar eles estão fazendo bagunça no país dele</p> <p>SONORA 22: GERMANO A comunidade iraquiana na síria que é grande, ama o Bashar, eles são muito gratos ao Bashar.</p> <p>OFF 23: GERMANO Porque na invasão americana ao Iraque em 2003 os 3 milhões de refugiados foram absorvidos pela síria sem qualquer ajuda da ONU, dos EUA. O governo recebeu esses 3 mil de refugiados iraquianos e deu a eles todos os direitos que os cidadãos sírios tem. Então a comunidade iraquiana na síria ama o Bashar.</p> <p>SONORA 23: GERMANO Os cristãos que são uma parte relevante da síria, morrem de medo de acabar na mesma situação que os iraquianos acabaram, então eles são leais ao Bashar. Toda a classe de sunitas e xiitas que também integram o governo e que também se beneficia de alguma forma economicamente com o governo Bashar, também estão a favor dele</p> <p>SONORA 24: ABDERRAZZAK SONORA ABDORAZAK: Na verdade, quando Bashar virou presidente a primeira visita dele foi ao Marrocos, ele ficou uma semana no Marrocos e eu tava com um grupo de jornalistas lá quando ele deu uma entrevista da empresa internacional.</p> <p>OFF 24: ABDERRAZZAK Eu fiquei emocionado porque o cara fazia discurso sem papel e as respostas dele das questões dos jornalistas era rápido, um cara inteligente.</p> <p>SONORA 25: ABDERRAZZAK Falei que o Bashar vai ser o líder do mundo árabe, porque ele tem uma capacidade de pensamento político bem enorme, mas ninguém, todo mundo fala dele mas ninguém fala do regime porque tem uma diferença entre o presidente e o poder dele.</p>
<p>IMAGENS DE BASHAR</p>	

IMAGENS DE BASHAR	OFF 25: GERMANO Ele é uma figura interessantíssima, um super personagem, ele é uma figura é um médico formado na Inglaterra, um cara extremamente inteligente, um cara polido, de fino trato, um lorde inglês, a mulher dele é uma dama, lindíssima, uma mulher educada na Europa de uma família riquíssima, pessoas inteligentes esclarecidas. Mas ele apesar de ter tido esse viés ocidental na formação dele, que o pai não teve, ele manteve os ensinamentos do pai e entendeu que pra governar um país como a síria ele precisa de mão firme. Ninguém governa a síria do mesmo jeito que governa um país europeu ou o Brasil.
IMAGENS DE ASMA AS-ASSAD	
IMAGENS BASHAR	
IMAGEM HAFEZ AS-ASSAD	
IMAGEM BASHAR COM MILITARES	SONORA 26: GERMANO Então por mais que ele tivesse ensaiando uma aproximação política de paz com rebeldes, com oposição, os líderes militares do outro lado deviam pressionar no sentido contrário.
	SONORA 27: AMR Qualquer coisa tem que acabar com Assad, não gosto dele mas não quero acabar com a síria também
	OFF 26: GERMANO Mas é muito assustador o que a gente tá vivendo. Os EUA acharam que seria muito mais fácil tirar o Bashar do poder.
IMAGEM BOMBA EXPLODINDO	
IMAGEM OBAMA	
IMAGEM TRUMP	SONORA 28: HUSSEIN A democracia americana se mostra ineficaz, esse exemplo de democracia que esses países precisam? Não to dizendo que Assad é a salvação da humanidade, não é. Ninguém é. Mas acho que quem deve decidir o seu destino e ser a salvação da síria deve ser a sua população. Não adianta você destruir um país tirar um governante e diz se virem. Eles não sabem o que é democracia.
	SONORA 29: AMR A Síria não atacou eua. Falaram “Síria atravessou as linhas vermelhas”. Pelo amor de deus! O que é isso? Vocês estão administrando a guerra ou querem fazer

<p>IMAGENS DO EXÉRCITO LIVRE DA SÍRIA</p> <p>IMAGENS DE FRETE AL-NUSRA</p> <p>EXÉRCITO</p>	<p>mais uma? Jogando as cartas do que é</p> <p>SONORA 30: GERMANO E a oposição síria é muito pulverizada é muito dividida. O exército livre por exemplo, é super polemico dentro da Síria, porque eles são várias falanges, como eles chamam, e cada uma trabalha da sua maneira e operando o seu interesse. Não existe uma unidade “o exército livre sírio, estamos aqui porque estamos lutando pela mesma coisa” isso não existe, isso é fantasia. É uma ideia errada que uma cobertura equivocada às vezes nos passa e na verdade não existe.</p> <p>OFF 27: GERMANO Agora dentro do Exército Livre da Síria você tem grupos de adolescentes que estão lutando por uma causa legítima que é abertura econômica, você tem gente de Frente al-Nusra travestido de sírio laico, tem agente secreto sírio travestido de dissidente, tem dissidentes de verdade do exército, tudo que você pode imaginar.</p> <p>SONORA 31: GERMANO: Por isso que eu não consigo acreditar na eficácia de um exército formado dessa forma. E financiado por dinheiro de Catar, EUA. Pra mim não é o sírio, é um exército com objetivos diferentes, cada um lutando pelo seu próprio bem.</p> <p>SONORA 32: AMR O problema não é quem que vem Bashar al-Assad ou não, mas quando a população vai esquecer os crimes que eles mesmos fizeram. Eu olho pra Bashar como um presidente do meu país tenho muitas críticas, muitas mesmas, mas nesse momento, é um momento de unir não de lutar. Porque sem a pátria não existe partidos e essa guerra contra a Síria quer acabar com a nossa pátria. Mas jamais.</p> <p>SONORA 33: ABDERRAZZAK O problema da síria agora é: você vai falar com quem? Quem vai falar em nome do povo? Tem vários grupos com diferentes aliados. Tem grupos com EUA, tem grupos com Irã. Não dá pra deixar o Irã longe.</p>
--	---

<p>IMAGENS ESTADO ISLÂMICO</p>	<p>OFF 28: ABDERRAZZAK Até o nascimento do DAESH começou na síria e tem bastantes professores de estratégia que falaram que o Daesh começou nas prisões em poder de Assad, lá começaram porque o líder do Daesh estava na prisão na Síria.</p> <p>SONORA 34: ABDERRAZAK Lá começou a sentir o poder das manifestações, aí começou a dar dinheiro e deixar os prisioneiros sair. Armas e vamos falar que o povo começou.</p> <p>SONORA 35: GERMANO Você tinha muitos grupos no Iraque que foram armados e treinados pelos estados unidos pra derrubarem o Saddam que estavam muito tempo ociosos lá e que viram na síria uma oportunidade de fazer mais dinheiro. Tem várias frentes de extremismo religioso</p> <p>SONORA 36: JOYCE Fica com medo toda hora. O povo lá eles ficaram “se sair de casa vai voltar?” eles ficam assim. Quando você anda na rua você sempre pensava “vai cair bomba aqui?” “Vou voltar a ver meus pais?”, esse é o medo no coração de cada pessoa lá. Mas ta vivendo bem, mas não é igual antes, ela tem medo. “Se meu filho sair de casa será que vi voltar?” “Se ele pegar ônibus o polícia vai pegar ele pro exército?”, porque se ele na idade de exército. Porque se o polícia ver o papel dele e pegam sem dar notícias pros pais dele</p> <p>SONORA 37: GERMANO E aí vai tirar o sírio de lá pra que? Pra ele ser tratado como refugiado, como estão sendo tratado no mundo inteiro? Eu não vejo grupos rebeldes como esperança.</p> <p>SONORA 38: ABDORAZAK Bashar tem que escolher entre 3 coisas. Ou ele vai fazer como o presidente da Tunísia, vai fugir, deixar a terra dele, ou vai escolher a maneira do presidente da Líbia, como resistência tiraram ele e mataram ele, ou ele</p>
--------------------------------	---

<p>IMAGENS GERMANO NO CAFÉ</p>	<p>vai escolher a terceira coisa e pior também, do ex presidente do lêmén que se queimou todo, ficou no poder com outros rebeldes. Uma pior que a outra. Agora não dá pra sair do país porque a chave do problema não é nele, mas está nos bolsos dos outros jogadores do mundo ocidental.</p> <p>SONORA 40: HUSSEIN O Bashar passa por um grave problema. O Bashar tem legitimidade diante da população, mas não legitimidade internacional. Isso é um grave problema. Como vai ser lidar com esse problema após os conflitos, após a retira do EI na síria. Esse é uma problema difícil de ser resolvido. Talvez com novas eleições, que o Bashar possa participar, isso seria o mais justo, com a população síria dizendo o que ela quer. Se quer que ele fique ou saia. Só quem deve decidir é a nação, não é colocar um governante de fora.</p> <p>SONORA 41: RASMI A síria como síria, como a gente conhece, é de 1920, mas disso tava a Síria. Esse povo tava assim sempre. Isso é coisa normal, não é coisa nova. Porque os sírios tavam chamando mestres ofwar, tudo bem, a primeira música sai da síria, a primeira livraria sai da síria, mas também a primeira arma sai da síria.</p> <p>SONORA 42: AMR Como eu olho o Bashar? Eu olho o lado das ações dele, de que ele tá lutando, lutando terroristas, lutando os interesses americanos. Mas ele ta lutando</p> <p>SONORA 43: GERMANO Aí quando você vive a experiência local, no lugar que é seu objeto de estudo, você acaba se deparando com visões que você não tem acesso na academia. É muito diferente você estudar Oriente Médio da universidade, no Brasil, e aprender sobre o Oriente médio no Oriente Médio.</p> <p>OFF 29: GERMANO E antes de ir pra Síria eu tinha trabalhado na Folha de São Paulo, então eu tava com</p>
--------------------------------	---

	<p>contatos frescos no jornalismo do Brasil. E aí comecei a mandar umas matérias.</p> <p>SONORA 44: GERMANO</p> <p>E os locais, os sírios que nos ajudavam, estavam ficando com raiva de jornalista, porque o que acontecia é que o jornalista ia preso. Por exemplo, um jornalista da Inglaterra, o cineasta. Ele ia preso ficava lá 5, 6 dias preso pegavam todo o material dele, HD externo, computador, câmera, agenda telefônica, pegavam todos os contatos de locais que ajudavam ele, liberavam ele pra não ter problema com a Inglaterra e depois prendiam toda a rede de locais que tinham ajudado ele. E obvio o tratamento de um preso estrangeiro e um local é totalmente diferente. Eu fiquei 6 dias presos, foi horrível, tal, mas não se compara a experiência de prisão de um local. A tortura que eles passam, enfim, eles começaram a parar de proteger a ajudar jornalistas. Inclusive, queriam que jornalista fosse embora. A comunidade internacional, os jornalistas, as pessoas que sabiam quem era jornalista quem era cineasta, depois de algum tempo a gente se relacionava, trocava informação. Depois de alguns meses um cineasta da Inglaterra foi preso por causa dessa menina que entregou por governo. Depois a gente descobriu que ela trabalhava pro governo, trabalho dela era identificar jornalista estrangeiro e denunciar.</p> <p>SONORA 45: AMR:</p> <p>Eu trabalhei um ano fazendo uma pesquisa sobre a guerra civil do Líbano, eu e meus amigos, 8 mil páginas. Fora os vídeos e muitas coisas. E a gente vendeu pra um jornal lá. Ganhou um dinheiro e deu pra comprar duas câmeras. Depois, dois meses eu tava gravando numa batalha numa luta. Eu tava atrás de uma parede e a minha mão e a minha câmera tava pra cima filmando. Eu sabia que tinha uma pessoa atrás da parede. E eu esqueci, que eu tava gravando vídeo. Minha câmera tinha um sistema que dentro do vídeo dá pra tirar foto. E não sei porque tirei foto. O cara lá escutou o som do flash. Atirou na parede. Eu tava atrás. Olha,</p>
--	--

	<p>sujeira. Do cimento e de tudo e eu senti que alguma coisa bateu na câmera, isso num segundo, não dá pra pensar muito. Só fugir. Corri quase 1km e depois não consegui mais respirar e ver, porque tava perdendo sangue, mas não senti. Adrenalina, sabe. Quando cheguei no ponto onde os camaradas estavam eu olhei e tava... e eu não acreditava que uma câmera tinha sido estragada. Uma câmera significava 6 meses de trabalho e não só meu! De todos. Foi, nossa. Quando eu tava correndo segurei as as câmeras. Uma na minha mão e outra no pescoço, elas estavam bem sujas de sangue. Coloquei no lado e vi meu dedo assim. Você fala “você não perdeu muitas coisas, só um pedacinho do seu dedo”, mas dói. Não fisicamente, mas eu perdi algo do meu corpo, nunca mais vai voltar. Tipo, morreu uma parte do corpo. Atiraram também em outros lugares, na minha coxa, mas a bala entrou e saiu, e machucou, mas foi no lado da coxa, tipo na pele só. E fiquei pensando. Imagina se eu tivesse um milímetro na câmera. Ele ia atirar na minha cabeça, não sei se foi sorte ou azar. Depois, a luz tava linda. Não era noite, era mais tarde e a luz tava no final do dia e passou luz muito linda, gostei. Sangue as câmeras e tirei fotos. Essa foto é foda, eu amo essa foto, porque tem uma história grande, sangue, trabalho e ganhei mais uma vida.</p> <p>SONORA 46: JOYCE Mudou tudo. Deixei minha cidade, meus pais, se não tem guerra lá, nem pensa em deixar Síria. Quem gosta de deixar língua dele, cultura dele, povo dele e vem pra país e não sabe nada o que fazer.</p> <p>SONORA 47: RASMI: A cidade quando deixei ela tava destruída, não podia andar na rua porque era muito perigoso, quando vi isso, perdi essas emocionados (QUER DIZER EMOÇÕES)decidi que iria viajar. A segunda vez, quando comprei a passagem pro Brasil, passei na frente de casa. Porque a casa ainda tá em pé, mas tem um furo na parede. Passei só pra ver. Não é só casa. Tem outras pessoas que entraram lá. Por exemplo, aqui estamos</p>
--	---

	<p>na Julia da Costa, tem pessoas do centro lá que as casas deles destruíram aí eles fugiram e vieram pra Julia da Costa. Aí essas pessoas entraram na minha casa. Tão lá. A casa perdeu a alma dela. Resultado é que eu perdi esse relacionamento com minha casa e minha cidade. Andei um pouco só pra matar a saudade, vi uma migo e amiga da escola e eu deixei assim, não consegui sair do mesmo jeito. Não tem rodoviária, tem que ir pra um lugar deserto pra ele te levar pra outro carro, pra mais outro. Mas fiz o que eu queria, que era dar tchau pra cidade. Todas as pessoas saíram e falaram, vamos sair só por uma semana e a gente vai voltar, saíram só com poucas coisas. Eu não liguei pra casa, liguei pro álbum de fotos. Eu tava mais triste porque perdi essas coisas que a casa. Desde o momento que perdi essas coisas não tirei mais fotos. Não gosto. Ficou dentro de mim, não vou tirar fotos porque não quero passar pela mesma situação, vou deixar as lembranças na minha cabeça. Quando você passa na guerra seus sentimentos ficam menores, você para de sentir. Isso que aconteceu quando eles entraram na casa, depois eu fiquei mais duro. Ficar fraco na frente deles vai ser difícil. Mãe e pai, fiquei 29 anos lá, imagine. Aí fiquei forte, tava rápido, queria que ficasse rápido, só falei tchau e tinha um motorista que ia me levar. Tava rápido porque a gente.... Não gosto de mostrar pros outros que sou fraco, não sei quantas pessoas vão ver isso (ri). Dei tchau rápido, mas eu senti depois, meses, a falta.</p> <p>SONORA 48: GERMANO:</p> <p>Na Síria já tava proibido há muito tempo qualquer evento com aglomeração de pessoas. Então campeonato de futebol não existia mais, show, qualquer evento, tava proibido, só não pode proibir a oração coletiva de sexta e quando eu entrei nesse presídio do subsolo, a coisa que mais me assustou, foi que eles me prenderam numa... na madrugada do sábado e o dia de oração coletiva nos países árabes é numa sexta-feira. Então, por exemplo, na Síria já tava proibido há muito tempo qualquer evento com aglomeração de pessoas. Então campeonato de futebol não existia mais,</p>
--	---

	<p>show, qualquer evento, tava proibido, só não pode proibir a oração coletiva de sexta e quando eu entrei nesse presídio do subsolo, a coisa que mais me impressionou era que tinha muita gente, muita gente, muito homem velho, todos ajoelhados, virados pra parede e presos com as mãos pra cima, assim.... e os carcereiros passavam e batiam e tal... eram aquelas prisões em massa que eles faziam no dia da oração coletiva. Quer dizer, na madrugada do sábado, as pessoas tavam há dois dias daquele jeito. Não tinha espaço no presídio, e eles me levaram numa ala que era 15 celas, 15 solitárias. E eu sou uma pessoa pequena, tenho 1,69. E eu deitado na solitária, eu encostava o pé e a cabeça nas paredes, não tinha janela nada. E foi assim que eu fiquei 6 dias. Foi bem ruim.</p> <p>SONORA 49: AMR:</p> <p>Eu falei pros meus camaradas, que a gente tava gravando, tirando fotos e escrevendo porque não dava pra tirar notícia do nada. A gente criou um jornal lá e você tem que trabalhar pra conseguir escrever, e quando escreve antes de todos o jornal vai ganhar. E o nosso objetivo era ganhar dinheiro pra gente conseguir apoiar o jornal. Aí a gente foi pra Homs e falei “vocês ficam aqui e eu vou pra aquele prédio que é muito alto e vou tirar fotos de cima”. Entrei no prédio e quando entrei subi até o quinto andar. Olha, eu tava escutando coisas longes, as balas, quando cheguei no quinto uma bomba, o som, achei que tava na minha frente o prédio fez assim. Nossa. Olhei e as balas começaram a entrar no prédio. Fiquei encurralado no corredor. O prédio ficou no centro da batalha, os dois lados queriam pegar o prédio. Aí desci, porque fiquei com medo de sniper. No primeiro andar a porta de um apartamento tinha quase 7 crianças, gritando. Nesse momento, as balas tao entrando, crianças tão entrando, e você procurando uma saída pra vida, sabe, não sabe o que vai acontecer. O prédio vai destruir e você tava lá dentro e não pode sair. Fiquei uma hora lá dentro. Quando lembro eu fico nervoso porque, o que vc vai fazer? Lembrei da minha mãe e pensei “já era, já morri”. Até as crianças, falei como a</p>
--	--

<p>SOBRE SOM CRÉDITOS</p>	<p>gente vai sair daqui. Aí fumei. Fumava bastante, mas agora eu parei. Fumei dois, 3, porque eu queria sair. Falei “ta tudo bem, fica tranquilo”. Difícil, a gente tem que sair. Aí eu falei, peguei as mãos das crianças e sair. Aqui a gente vai morrer com certeza, e lá a gente pode morrer mas também pode passar. Peguei três crianças aqui e quatro aqui, e o mais engraçado, não engraçado, triste, na verdade, as crianças não cada uma na mão dos outros, elas pegaram em mim, no meu braço. Triste demais. Aí eu respirei, saímos do portão e saí. Só precisa passar numa rua, tipo 50m, essa é a distância da vida e não dá morte é pior, porque eu não vou morrer sozinho, vou morrer com 7 crianças. Se eles morreram você vai sentir muita culpa antes de você morrer, eu saí, tava passando e fechei os olhos e comece a cruzar a rua. Tava andando e as balas pararam, não tinha coragem de olhar pros lado, tava falando, agora vai entrar na minha cabeça, no meu pescoço no peito, numa criança”. 50m senti como se fossem 50 anos pra passar e a adrenalina ficou muito forte. Não consegui correr e do outro lado não consegui ficar de pé.. Cruzei a rua, cheguei numa loja, porque tava quebrado porque roubaram, as crianças entraram e me encostei numa parede. Passei, fumei, to vivo. Olha, depois da batalha fiquei 2h naquela parede e as crianças na loja. Depois o Exército tomou o prédio, elas estavam saindo e tirei foto também deles.</p> <p>SONORA 49: AMR</p> <p>Meu sonho é a vitória da Síria, não só acabar a guerra, tem que ter vitória, porque acabar a guerra sem vitória significa escravidão. Então tem que ser vitória da síria. Um sonho no caminho da galáxia (ri).</p>
-------------------------------	--

8. CONCLUSÃO

A mídia brasileira possui dificuldades em cobrir o conflito sírio, não apenas no sentido técnico e financeiro ao se manter um correspondente internacional no Oriente Médio, mas no que diz respeito à informação. Antes do desenvolvimento deste trabalho, o conhecimento sobre os interesses que atuam na guerra na Síria se limitavam à figura do presidente Bashar al-Assad, Estado Islâmico e “rebeldes”. Esse entendimento simplista e equivocado da guerra é resultado de uma cobertura jornalística apática, que ignora a infinidade de perguntas a ser respondidas sobre o conflito. Um exemplo desta problemática é o uso da palavra “rebelde” para designar a oposição ao governo Bashar al-Assad. Embora sejam realmente rebeldes, a oposição ao governo não pode ser colocada como um único grupo coeso, uma vez que existem diferentes agendas políticas envolvidas e que não conversam entre si. Como resultado, a cobertura transmite a ideia, errônea, de os rebeldes são grupos do bem que combatem o mal, personificado por Bashar al-Assad. É preciso considerar que o Estado Islâmico e a Jabhat al-Nusra, também combatem o governo, esses grupos não podem ser confundidos com outros que possuem uma causa legítima.

Foi a partir das informações coletadas para este estudo que essa visão foi modificada. A perspectiva histórica da Síria, o entendimento da relevância militar no país e as manifestações que ocorreram em 2011, permitiram que o olhar ocidental se tornasse mais brando para analisar o conflito, visto que não é possível compreender a Síria sem se despir dos parâmetros ocidentais de governo.

Além das informações teóricas, os relatos dos refugiados sírios que vivem no Brasil foram fundamentais para que a forma de encarar o conflito se alterasse. Eles deram rosto à guerra que, às vezes, parece irreal. Os depoimentos desses personagens permitiu desconstruir a ideia de que o presidente Bashar al-Assad não possui apoio popular, visto que os quatro refugiados entrevistados não desejam a saída do presidente do poder. Algo que coincidiu em todas as entrevistas com essas fontes foi o incomodo com intervencionismo norte-americano no conflito, uma perspectiva que não é dada pelos meios de comunicação brasileiros.

Outro fator que merece reflexão, é a maneira com a qual os refugiados sírios são tratados nas matérias veiculadas na grande imprensa. À eles é imposta à condição de refugiado como único fator determinante da história desses personagens, desconsideram a individualidade de cada um e as contribuições que podem oferecer no entendimento do conflito. A voz desses sírios merece ser ouvida, não para desenvolver materiais carregados de estereótipos, mas para denunciar as atrocidades que a guerra impõe.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNEZ, Luciane Fassarella. **Metodologia de pesquisa em jornalismo: caminhos para uma dissertação de mestrado**. Internet. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/view/7567>> Acesso em 04 de maio de 2017

ARGOLO, José Amaral. **Terrorismo e mídia**. E-papers. Rio de Janeiro, 2012.

BBC BRASIL. **Território controlado pelo Estado Islâmico “encolhe” na Síria e no Iraque, diz estudo**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37601634>> Acesso em 24 de maio de 2017

BBC Brasil. **Brasil acolhe mais sírios que países na rota europeia de refugiados**. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_brasil_refugiados_si_rios_comparacao_internacional_lgb> Acesso em 01 de maio de 2017

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei da Migração**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1366741> Acesso em 02 de maio de 2017

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido: tradição e transformação do documentário**. Azougue Editorial. Rio de Janeiro, 2004

DINES, Alberto; BRASIL, Antônio; DINES, Arnaldo; MESQUITA, Cristina; LUCCHESI, Ivo; COSTA, Luciano Martins; RAMOS, Luiz Carlos; WEIS, Luiz; CARVALHO, Marinalva; SODRÉ, Muniz; MELLO, Sérgio Vieira de; CAPOZZOLI, Ulisses; EGYPTO, Luiz. **Mídia e terrorismo: outro mundo e outra imprensa depois de 11 de setembro**. Observatório da Imprensa. 2004

EXAME. **Al-Qaeda na Síria diz que objetivo é criar emirado islâmico**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/al-qaeda-na-siria-diz-que-objetivo-e-criar-emirado-islamico/>> Acesso em 24 de maio de 2017

FERNÁNDEZ, Luciana Moretti. **Hiperterrorismo e mídia na comunicação política**. Internet. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27148/tde-08102007-211215/pt-br.php>> Acesso em 3 de setembro de 2016

FERREIRA, Susana. **Orgulho e preconceito: a resposta europeia a crise de refugiados**. Internet. Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992016000200007> Acesso em 04 de maio de 2017

FOTTORINO, Éric; MORIN, Edgar; JELLOUN, Taha Bem; ROY, Oliver; DEBRAY, Régis; THIOLLET, Hélène; FOUCHER, Michel; DAWOD, Hosham; ONFRAY, Michel; BOUZAR, Dounia; GREILSAMER, Laurent; LIOGIER, Raphaël; SCHNAPPER, Dominique; LAURENNS, Henry; RUFIN, Jean-Christophe; KEPEL, Gilles; SLIMANI, Leïla; CHALIAND, Gérard; WEBER, Olivier; FILIU, Jean-Pierre; SOLÉ, Robert. **Quem é o Estado Islâmico?** Editora Autêntica. São Paulo, 2016.

FUENTE, Paloma de la. **La propaganda de reclutamiento de Daesh a través de sus vídeos**. Internet. Disponível em: <

http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_opinion/2016/DIEEE020-2016_Propaganda_Reclutamiento_Daesh_PalomadelaFuente.pdf> Acesso em 3 de setembro de 2016

FURTADO, Gabriela; RODER, Henrique; AGUILAR, Sergio L. C. **A guerra civil síria, o oriente médio e o sistema internacional**. Internet. Disponível em <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/a-guerra-civil-siria.pdf>> Acesso em 26 de abril de 2017

G1. **Em seis anos de conflito, número de refugiados sírios supera barreira de 5 milhões**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/numero-de-refugiados-sirios-supera-a-barreira-de-5-milhoes.ghtml>> Acesso em 01 de maio de 2017

G1. **Estado Islâmico perde 12% de seu território na Síria e no Iraque em 2016**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/estado-islamico-perde-12-de-seu-territorio-na-siria-e-no-iraque-em-2016.html>> Acesso em 24 de maio de 2017

G1. **Número de mortos em guerra civil na Síria chega a 470 mil, diz jornal.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/numero-de-mortos-em-guerra-civil-na-siria-chega-a-470-mil-diz-jornal-20160211100505516954.html>> Acesso em 24 de maio de 2017

GRANDE, Francisco Javier Herrero. **El cambio creativo em los médios de comunicacion de los grupos terroristas.** Internet. Disponível em: <<https://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/18138/1/TFG-N.462.pdf>> Acesso em 3 de setembro de 2016

GONÇALVES, Isadora d'Avilla Lima Nery. **A voz de um povo: os refugiados sírios no Brasil.** Internet. Disponível em: <http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1465613896_ARQUIVO_ArtigoAnaisANPUH_IsadoraGoncalves2016.pdf> Acesso em 02 de maio de 2017

IHS JANE'S. **IslamicStatecaliphateshinks a further 12 per cent in 2016.** Disponível em: <<http://www.janes.com/article/62153/islamic-state-caliphate-shrinks-a-further-12-per-cent-in-2016>> Acesso em 02 de junho de 2017

KASIKI, Sophie. **Nas sombras do Estado Islâmico.** Editora Best Seller, Rio de Janeiro, 2016.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Internet. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>> Acesso em 04 de maio de 2017

MADDEB, Abdelwahab. **A doença do Islã.** Editora Humanitas, Belo Horizonte, 2003.

MAGALHÃES, Patrícia Santos. **A União Europeia e a segurança humana: o caso dos refugiados sírios.** Internet. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/42283>> Acesso em 02 de maio de 2017

MELO, Cistina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. Internet. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP7MELO.PDF>> Acesso em 4 de maio de 2017

MORONI, Alyohha de Oliveira, OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. **Estereótipos no telejornalismo brasileiro: identificação e reforço**. Internet. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1049-1.pdf>> Acesso em 26 de novembro de 2016

NIETO, Pedro Rivas; PLAZA, Juan F. **El régimen informativo del terrorismo. Propuesta de un modelo hermenêutico**. Internet. Disponível em <<http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/4282>> Acesso em 3 de setembro de 2016

NICHOLS, Bills. **Introdução ao documentário**. Coleção Campo Magnético. Campinas, 2005.

NOVAIS, Rui Alexandre. **Media e (Ciber)Terrorismo**. Internet. Disponível em <http://www.idn.gov.pt/publicacoes/nacaodefesa/resumo_abstract/NeD133_RuiAlexandreNovais_Resumo.pdf> Acesso em 3 de setembro de 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados**. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convenc_ao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf> Acesso em 1 de maio de 2017

RAMÍREZ, Antonio José Romero. **Islam y terror**. Internet. Disponível em <<http://convergencia.uaemex.mx/article/view/1161/1579>> Acesso em 3 de setembro de 2016

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** Editora Senac São Paulo. 2ª edição. São Paulo, 2013

RAMOS, Sílvia. **Mídia e racismo**. Editora Pallas. Rio de Janeiro, 2007

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. Edições Loyola, 2005

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**. Coleção comunicação. São Paulo 2001

SANTOS, Carlos José Giudice. **Tipos de pesquisa**. Internet. Disponível em: <http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/METODOL/_OF.TIPOS_PESQUISA.PDF> Acesso em 04 de maio de 2017

SANTOS, Sofia Jose. **À lupa – a guerra na Síria**. Internet. Disponível em <<http://www.redeangola.info/especiais/siria-retrato-de-um-pais-em-guerra/>> Acesso em 26 de abril de 2017.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa>> Acesso em 23 de maio de 2017

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia. Os bastidores do telejornalismo**. Internet. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf>> Acesso 25 de fevereiro de 2017

WATTS, Harris. **OnCamera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC**. Summus Editorial. São Paulo, 1990

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. **Estado Islâmico: desvendando o exército do terror**. Editora Seoman, São Paulo, 2015.

ZAHREDDIN, Danny. **A crise na Síria (2011-2013): uma análise multifatorial**. Internet. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387> Acesso em 26 de abril de 2017

ZERO HORA. **Em seis anos, guerra na Síria causou mais de 320 mil mortes**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/mundo/noticia/2017/03/em-seis-anos-guerra-na-siria-causou-mais-de-320-mil-mortes-9747010.html>> Acesso em 24 de maio de 2017